

3 Metáforas para linguagem no *Curso de Saussure*

Neste capítulo, serão analisadas algumas das metáforas do *Curso de Lingüística Geral*, com o intuito de encontrar elementos que nos autorizem a falar de uma tensão entre duas perspectivas diferentes: uma referente à visão representacionista da linguagem, presente na maioria das correntes teóricas lingüísticas e filosóficas, e outra referente à visão não representacionista da linguagem, filiada à perspectiva wittgensteiniana.

Como procedimento de análise, este capítulo se subdivide em seções temáticas. Em cada seção, um conjunto de metáforas será analisado tendo como fio condutor o debate acerca do tema proposto. Para a escolha dos temas foi significativa uma reflexão feita por Harris acerca de uma das mais célebres metáforas do *Curso*¹. Sobre esta metáfora, ele nos diz que:

Lança luz sobre (i) o *significado*, (ii) a *natureza das regras lingüísticas* e (iii) as *relações entre linguagem e pensamento*.” (Harris, 1988:25)

Observando atentamente as metáforas do *Curso*, concluímos que não somente a metáfora particular à qual se referia Harris nos dá pistas sobre os três tópicos acima destacados, mas as outras metáforas igualmente nos oferecem indícios para o tratamento dessas três questões.

Para tanto, construímos conjuntos de metáforas, conforme os tipos de domínio-alvo que pareciam iluminar mais diretamente. Detectando três tipos de domínio-alvo, em larga medida correspondentes aos grandes temas apontados por Harris, reunimos as metáforas em três seções distintas: na primeira seção, serão analisadas as que se dirigem à relação entre *linguagem e pensamento*; na segunda seção, as que se referem a regularidade do fenômeno lingüístico e na terceira seção, as que tratam da *constituição*, da *identidade* e do *valor* do signo lingüístico.

Cada metáfora é trazida ao *Curso* para elucidar problemas teóricos, chegando muitas vezes a cumprir sua função, outras vezes chegando a confundir o leitor, sobretudo pelas lacunas que deixam. Noutros casos ainda, podem levar o leitor a descobertas inusitadas, sendo as desse tipo talvez as mais interessantes.

¹ Harris refere -se à metáfora do jogo de xadrez, da qual trataremos na seção 3.3.

Seja como for, as metáforas fazem parte de um artifício do qual lança mão o autor do *Curso* para compreender e fazer compreender melhor seu objeto científico. Tal artifício, como já deve ter ficado claro no capítulo referente aos pressupostos, pode ser usado conscientemente ou pode fazer parte da linguagem de que se vale o investigador sem que ele ao menos se dê conta de que foi capturado pela maneira metafórica de conhecer.

Antes de dar início à análise propriamente dita, na próxima seção faremos algumas considerações de ordem metodológica, sobretudo acerca de nossos critérios para constituição do corpus.

3.1 Considerações metodológicas

Frente à profusão de metáforas presentes no *Curso*, não foi fácil escolher as que nos interessavam mais de perto. Como vimos, de acordo com a Teoria Cognitiva da Metáfora, há dois tipos de metáforas: as metáforas cristalizadas e as metáforas novas. A maioria das pesquisas que têm sido feitas no âmbito desta teoria busca trazer à luz as metáforas conceptuais cotidianas que estão camufladas na nossa linguagem usual. Não é fácil perceber a rede de relações na qual elas estão emaranhadas. Uma dessas metáforas cristalizadas é, como vimos, a conhecida *metáfora do conduto*, de Michael Reddy, descoberta por ele antes mesmo de os cognitivistas alicerçarem sua teoria. É fato que ela é mais fácil de ser percebida para a língua inglesa, até porque foi ali amplamente mapeada. Sabe-se, contudo, que não se restringe à língua inglesa; muitos pesquisadores perceberam sua presença nas línguas ocidentais em geral (cf. Rivano, 1986).

Na “língua” do *Curso*, em particular, também observamos sua presença, ainda que relativamente discreta. Uma das maiores contribuições de Saussure para os estudos da linguagem é negar o entendimento do senso comum, exemplificado pela metáfora do conduto, mostrando que as palavras não correspondem às coisas do mundo, numa relação direta ou indireta. Apesar de o entendimento global da obra saussuriana nos fazer ver uma teoria que pouco se assemelha ao *conduto* de Reddy, há nos escritos do *Curso* diversas passagens em que se nota o uso lingüístico coerente com a metáfora do conduto. É difícil escapar da linguagem, e provavelmente impossível sair dela para falar sobre ela.

Isso nos dá um primeiro elemento para pensar o jogo entre adesão e reação ao representacionismo no *Curso* em um nível bastante subliminar. No entanto, não nos parece que, de um modo geral, a presença dessas metáforas cristalizadas chegue a comprometer muito a argumentação de Saussure, tornando-a explicitamente contraditória. Saussure não falha por se valer de um uso lingüístico arraigado no francês do início do século XX; afinal, não se precisa temer a linguagem. Ela está aí, nos servimos perfeitamente dela, e em geral ela não nos dá problemas, a menos quando investimos em um projeto de saber científico que é dado a nos atraiçoar. Deste saber traiçoeiro é que vamos tratar agora. Preso nas malhas da linguagem cotidiana sobre a linguagem, Saussure por vezes parece estar escrevendo, por assim dizer, o contrário daquilo que quer dizer. Como assim? Ora, ele fala uma língua “imperfeita” com o objetivo da precisão, ainda assim seus interlocutores podem compreendê-lo em sua “precisão”, ignorando os deslizes e a traição da linguagem, porque estão aptos a assim deslindar o jogo da argumentação científica.

Na seguinte passagem do *Curso*, observamos que, nos escritos de Saussure, também há evidências lingüísticas da metáfora do conduto. Ao referir-se à distinção entre *langue* e *parole*, Saussure nos diz:

Cumpramos notar que definimos as *coisas* e não os *termos*; as distinções estabelecidas nada têm a rezear, portanto, de certos termos ambíguos, que não têm correspondência entre duas línguas. (CLG: 22, grifos nossos)

Nesta passagem, ao falar de *coisas* e de *termos*, Saussure parece sugerir que é possível capturar a essência da coisa, independentemente da língua que a representará. Sabemos, no entanto, que Saussure nega explicitamente essa visão de senso comum em suas considerações a respeito do signo e de seu valor num sistema lingüístico. Essa citação está aqui apenas para ilustrar como é difícil teorizar a respeito da linguagem, que, por um caminho ou outro, acaba invisivelmente criando armadilhas teóricas.

Embora reconheçamos que a presença desta metáfora cristalizada, no *Curso*, tem a ver com a penetração de uma perspectiva representacionista nessa obra, esta investigação concentra-se na análise das metáforas novas. Escolhemos as metáforas que tocam nas questões principais que serão discutidas a seguir, a saber, (i) a relação entre linguagem e pensamento, (ii) a língua como sistema e

(iii) o valor do signo lingüístico. É evidente no *Curso de Lingüística Geral* a inclinação de Saussure por tratar dos principais problemas de sua teoria à luz de metáforas. São diversas comparações, algumas mencionadas apenas uma vez, como a metáfora da pressão do ar na água, outras mencionadas recorrentemente ao longo do *Curso*, como a metáfora do jogo de xadrez.

Nesta análise procurou-se examinar as projeções metafóricas de diferentes domínios-fonte concretos, para os três tipos de domínio-alvo elencados, observando-se, sempre que possível, os aspectos específicos do domínio-fonte, que, em cada caso, parecem poder ser transferidos para o domínio-alvo. De acordo com a Teoria Cognitiva da Metáfora, nem todos os aspectos de um domínio-fonte são passíveis de transferência (cf. Lakoff & Johnson, 1980).

Nesta investigação, não nos diferenciamos de muitas das pesquisas empreendidas acerca do *Curso de Lingüística Geral*, no sentido de nos limitarmos a estudar apenas suas três primeiras partes: introdução, primeira e segunda partes. Nestas partes do *Curso*, Saussure apresenta, respectivamente, uma visão geral sobre a “nova” ciência da linguagem; sobre os princípios gerais desta ciência e sobre a lingüística sincrônica. Preferimos neste estudo não entrar na seara das partes relativas à diacronia e à lingüística geográfica, que se distanciam, em certa medida, do foco deste estudo.

Esta investigação poderia ter ido além, sobretudo no que diz respeito à análise detalhada da presença de metáforas cristalizadas no texto do *Curso*. Este ponto, sem dúvida importante, merece estudos posteriores.

Dentre as metáforas vivas, apenas algumas, serão analisadas. Como já dito, a escolha de não analisar todas possui um claro motivo: a análise foi guiada por temas, e desta maneira foram excluídas as metáforas cujos temas fugiam ao escopo deste trabalho. Por limitações de tempo, infelizmente, algumas metáforas muito pertinentes ao tema da pesquisa foram ainda excluídas, notadamente a da língua como herança.

A análise, que se inicia a seguir, procede da seguinte forma: em cada seção, agrupamos as metáforas, dissertamos sobre o tema que elas suscitam e observamos para qual direção a análise aponta, se para uma visão representacionista, se para uma visão não-representacionista ou se aponta para ambas as perspectivas.

* * *

Como já vimos antes, a análise das metáforas para a linguagem no *Curso* de Saussure tem como objetivo observar uma tensão existente entre duas visões distintas para significado e linguagem, entre uma perspectiva tradicional e hegemônica na história do pensamento lingüístico – que é chamada aqui de representacionista, e que se compromete com uma visão superlativa da regularidade da linguagem –, e uma perspectiva encontrada nos escritos do segundo Wittgenstein, que vê a linguagem como uma prática regulada, mas sem pretender que essa regularidade seja exata e constante – determinada por algo exterior à própria linguagem.

A seguir, será iniciada a análise de cada um desses grupos, em sub-seções que tratarão cada uma delas de mostrar o contexto em que estão inseridas as metáforas, as questões pertinentes que visam elucidar e as inferências que proporcionam acerca do entendimento de Saussure sobre linguagem e significado.

Essa divisão pretende tratar mais aprofundadamente das questões pertinentes às metáforas, para que se possa demonstrar melhor a hipótese desta pesquisa, que é a tensão entre duas visões para a linguagem e significado na teoria saussuriana.

Da análise dos dados, surgiu a seguinte divisão, que designamos como:

3.2 Considerações sobre a relação entre linguagem e pensamento;

3.3 Estado e Variação: oscilações no jogo da linguagem;

3.4 Constituição, identidade e valor do signo lingüístico.

As fronteiras entre estes três grandes temas não são rígidas. Outra organização seria possível. Muitas vezes os temas se interpenetram podendo formar um todo único, e é importante ter em mente que, a divisão adotada aqui diferencia os temas mais por um grau de aprofundamento das questões que pela diferença real entre elas.

3.2 Considerações sobre a relação entre linguagem e pensamento

Nesta seção, nos deteremos em examinar a relação entre linguagem e pensamento na teoria saussuriana, observando como, na caracterização deste vínculo, a presença de uma tensão entre uma visão representacionista e outra não-representacionista resulta em concepções diferentes para linguagem e significado lingüístico.

Para tanto, vamos analisar seis metáforas que, a nosso ver, se destacam por apresentar mais claramente esta tensão. Abaixo transcrevemos as metáforas que escolhemos como base para a discussão:

1. Metáfora da massa indistinta²

Língua é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares. (CLG:120)

2. Metáfora das subdivisões contíguas

A língua, como uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das idéias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (B). (CLG:130)

3. Metáfora da pressão do ar na água

Imaginemos o ar em contato com uma capa d'água: se muda a pressão atmosférica, a superfície da água se decompõe numa série de divisões, vale dizer, de vagas; são estas ondulações que darão uma idéia da união e, por assim dizer, do acoplamento do pensamento com a matéria fônica. (CLG:131)

4. Metáfora da massa amorfa

“Nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta.” (CLG:130)

5. Metáfora da nebulosa

² Esta metáfora possui um contexto que em princípio não favoreceria sua inclusão neste conjunto. Entretanto, sua presença aqui reforça a idéia contida na metáfora da massa amorfa.

“O pensamento é como uma nebulosa, onde nada está necessariamente delimitado.” (CLG:130)

6. Metáfora da matéria plástica

“A substância fônica não é mais fixa, nem mais rígida; não é um molde a cujas formas o pensamento deve necessariamente acomodar-se, mas uma matéria plástica que se divide, por sua vez, em partes distintas, para fornecer os significantes dos quais o pensamento tem necessidade.” (CLG:130)

As metáforas acima transcritas fazem parte do capítulo IV da segunda parte do *Curso*. Seu conjunto nos convida aqui a uma série de considerações, acerca da relação entre linguagem e pensamento. Como vimos no capítulo anterior, uma das teses mais explicitamente defendidas por Saussure é a da indissociabilidade entre linguagem e pensamento, a idéia de que nosso pensamento mantém com a estrutura estável da *langue* laços mutuamente constitutivos.

Da consideração das metáforas 1 a 6 acima, dois grandes problemas relacionados a esta tese básica tomam forma:

(1) *Como, a partir de duas massas amorfas, é possível construir uma relação estável entre porções de pensamento e porções de som, formando assim um sistema ordenado?*;

(2) *Existe pensamento antes da expressão lingüística? Onde termina o pensamento e onde começa a linguagem?*

Veremos que a análise das metáforas do *Curso* selecionadas para esta seção apontam ora para um movimento de adesão ao representacionismo, sobretudo em relação ao tratamento do problema 1, ora para uma reação a essa perspectiva, especialmente em relação ao tratamento do problema 2.

3.2.1 Porções de pensamento-som

O problema 1 é o que toca na questão das entidades concretas da língua, as palavras, como resultado da junção do pensamento e do som produzindo um sistema estruturado.

Antes de examinarmos essa questão, é importante fazer uma ressalva quanto aos usos dos termos *linguagem* e *língua*. A distinção entre os dois termos é feita, em geral, da seguinte forma: utiliza-se *língua* em referência ao sistema estruturado decorrente da junção das massas do pensamento e do som; e *linguagem* em referência à capacidade da espécie humana de comunicar-se verbalmente. A manutenção de uma distinção terminológica precisa entre *língua* e *linguagem* é, no entanto, um ponto reconhecidamente problemático (haja vista o conhecido recurso de utilizar o termo *língua(gem)* para evitar as armadilhas escondidas nessa distinção terminológica). No que se segue, respeitaremos a distinção mais convencional entre os dois termos sempre que possível, mas não de forma absolutamente rígida, havendo notadamente casos em que *língua* ganhará contornos mais genéricos, sendo pouco distinguível de *linguagem*.

Saussure afirma que “língua é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares” (CLG:120). É esta curiosa observação que, confrontada com a afirmativa “nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta”, pode gerar dúvidas quanto ao tratamento dos termos “pensamento” e “língua”, no *Curso*, sugerindo-se que se pode até trocar um pelo outro, sem prejuízo para a compreensão de seus papéis no conjunto da linguagem.

A polissemia do termo *língua* no *Curso* foi atestada por Engler (1968), que elencou mais de dez definições para o termo. Entre estes sentidos polissêmicos, encontram-se pelo menos dois sentidos, cuja compatibilidade é difícil perceber. Se a língua é de fato uma *massa indistinta*, que tipo de manobra realiza a teoria saussuriana para conceituar língua em termos de um *sistema estruturado* que ela também e principalmente representa?

Aceita-se bem, ao longo da leitura do *Curso*, afirmativas do tipo “o pensamento caótico por natureza é forçado a precisar-se ao se decompor”. Mas atribuir esse caráter à língua é, no mínimo, estranho, quando uma teoria inteira foi construída baseada na idéia de um sistema estruturado, o objeto principal da lingüística saussuriana, a *langue*. Diante deste quadro, os sentidos de pensamento e língua(gem) serão guiados pelos sentidos oscilantes que se revelam nas metáforas escolhidas para a análise.

Para discutir a pergunta associada ao problema 1, primeiramente vamos observar os aspectos comparados pelas metáforas que se referem às massas

informes (nebulosa, amorfa, indistinta, matéria plástica). Os domínios-fonte representados pelas massas informes remetem a um conjunto de elementos misturados, que formam um todo, no caso, a própria massa, nem sempre homogêneo, mas, seguramente, difícil de ter seus constituintes observados separadamente.

Pensemos um pouco no que pressupõe dizer que o pensamento é uma massa ou uma nebulosa. Segundo o dicionário Houaiss, *nebulosa*, por exemplo, é uma “nuvem constituída de poeira e de gás”. O raciocínio sobre uma nuvem que se supõe ter dado origem ao sistema solar pode franquear-nos uma compreensão do pensamento projetando sua concretude sobre esse domínio abstrato: o pensamento considerado em si mesmo, é como uma mistura de poeira e gases interestelares anteriores à emergência do estado estruturado do sistema solar – uma região “onde nada está necessariamente delimitado”.

Supõe-se que a nebulosa foi a nuvem que deu origem ao sistema solar. O pensamento, assim entendido, é algo que parece dar origem ao sistema lingüístico, mas em si mesmo não se deixa capturar, porque se revela obscuro, uma mescla de elementos inomináveis e desconhecidos, que provocam de alguma forma a *langue*.

De toda forma, uma projeção de raciocínio inferencial compatível com a metáfora da nebulosa pode nos levar a atribuir ao pensamento algum tipo de realidade anterior ao acontecimento da linguagem, uma realidade que não seria de todo destituída de estrutura e que teria um papel gerador. Quanto à massa e à matéria plástica, não seriam também esses domínios constituídos de outras partículas? Tais metáforas insinuam mas não revelam caminhos para responder a perguntas como: Então, o que é exatamente o pensamento? Do que ele é constituído? Podemos ser levados a acreditar, por exemplo, que o pensamento é feito de idéias e conceitos da mesma forma que a nebulosa é feita de poeira e gases interestelares.

Nosso objetivo aqui, ao colocarmos essas questões, não é o de respondê-las, mas o de tentar localizar os pressupostos das metáforas relacionadas às massas informes. O uso destas metáforas dá margem a pensarmos que o som e o pensamento não são átomos, no sentido de indivisíveis, mas são dois domínios que constituem a linguagem, formados, eles mesmos, a partir de outros elementos.

Seria como se existisse uma proto-estrutura anterior à junção da massa do pensamento e do som. E se essa proto-estrutura existisse de fato, seria mais fácil compreender como da junção de massas amorfas surge um sistema estruturado estável.

Seja qual for a resposta para essas perguntas, o mais importante aqui é enfatizar que a existência de estruturas anteriores à língua(gem) causam um problema para Saussure, que evitava reconhecer esse fato. Conforme observa Harris (1987:221), embora a admissão da existência de estruturas anteriores ao acontecimento da linguagem tenha a vantagem de tornar “mais fácil compreender como o contato das “massas” resulta em um sistema e não no caos”, tem a desvantagem de justamente insinuar que “existem estruturas ‘exteriores’ que em última instância determinam o padrão resultante do sistema bipartido de correlações”. Por razões que já devem estar claras, essa insinuação, continua Harris, não poderia mesmo “deixar Saussure muito contente”.

De todo modo, no *Curso* não há qualquer explicação convincente sobre como, a partir de duas massas informes, se forma um sistema regular ordenado. Saussure apenas informa que se dá assim e não de outra maneira, mas o leitor do *Curso* fica carente de maiores explicações.

Um esboço de explicação pode ser encontrado na metáfora da pressão do ar na água, que oferece uma imagem singela de como uma estrutura pode surgir de um encontro de elementos aparentemente informes. Como vimos, segundo Harris, *língua* para Saussure é, ao mesmo tempo, um sistema cognitivo e uma instituição social. Para abordar a língua como sistema cognitivo, Saussure apresenta a metáfora da pressão do ar na água, que nos fornece uma explicação psicológica para a junção do pensamento-som. Tal explicação indica que duas substâncias completamente amorfas, ar e água, pensamento e som, produzem uma estrutura somente como o resultado de seu contato³. Esse fenômeno é psicológico, para Harris, no sentido de que é individual e de que ocorre na mente de cada falante da língua, estando em oposição ao fenômeno social, que é a realização da língua numa comunidade lingüística. Entretanto, como já foi dito, ainda assim, isso não explica como o simples contato entre substâncias intrinsecamente amorfas pode automaticamente produzir um sistema estruturado.

³ Uma explicação mais detalhada sobre essa metáfora será dada na seção 3.2.2

Qualquer que seja, no entanto, a explicação que se possa produzir para esse mistério, o fato é que, para Saussure, da junção do pensamento e do som surge um sistema ordenado, no qual se encontram elementos constituintes definidos, reclamados pela própria noção de sistema, que necessita ter seus signos delimitados para poder ser conhecido. Esses signos que se formam são correspondências de uma determinada parte do pensamento com uma determinada parte do som. Uma vez formado esse elo, a relação entre cada porção de pensamento-som é estável, ainda que esta estabilidade pertença apenas a um *estado de língua*.

Saussure garante a estabilidade do signo, entre outras coisas, através de um dos princípios que regulamenta seu estudo: o da arbitrariedade. Tal princípio pode ser resumido na seguinte passagem: “não só os dois domínios ligados pelo fato lingüístico são confusos e amorfos como a escolha que se decide por tal porção acústica para tal idéia é perfeitamente arbitrária” (CLG:132).

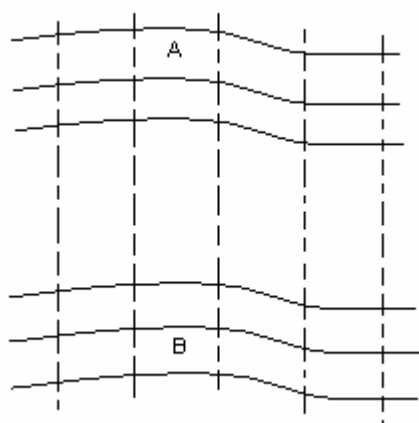
A natureza do signo, nos ensina Saussure, é indiferente; um determinado conceito é representado por uma determinada seqüência de sons, assim como poderia ser representado por outra completamente distinta. Nas palavras de Saussure, “o significante é imotivado” (CLG:83): e imotivado aqui significa arbitrário. No entanto, Saussure se empenha em esclarecer que, se o princípio da arbitrariedade enfatiza a inexistência de qualquer ligação natural entre significante e significado, isso não quer dizer que os falantes, possam livremente escolher que seqüência de sons é mais adequada para representar um pensamento. Para Saussure, o caráter arbitrário do signo, entre outras coisas, impede a possibilidade de livre escolha. Assim, ele nos diz:

[...] o caráter arbitrário do signo nos fazia admitir a possibilidade teórica da mudança; aprofundando a questão, vemos que, de fato, a própria arbitrariedade do signo põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la. (CLG:87)

Assim garantida, a estabilidade é também um pressuposto para a delimitação das unidades concretas da língua, já que a procura incessante por capturá-las significa impor-lhes um veredicto. Aquela parte do som corresponde àquela outra do pensamento, por, ao menos, um certo período de tempo, ou, em termos saussurianos, durante um estado de língua. Apesar de a delimitação das

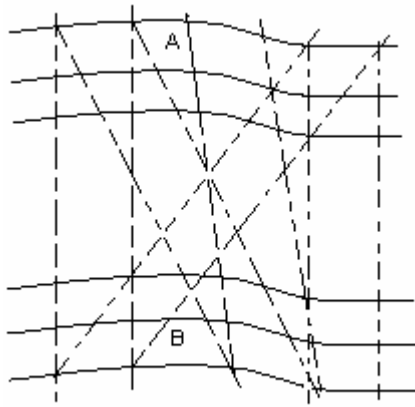
unidades ser o procedimento inicial na análise sincrônica da língua, no capítulo II da segunda parte do *Curso*, no § 4, Saussure reconhece a dificuldade que a Lingüística enfrenta para estabelecer o que são suas unidades, chegando por vezes até a pensar se elas, de fato, existem ou mesmo se são essenciais para a investigação lingüística (cf. CLG: 124).

De toda forma, Saussure parece sugerir, nesse contexto particular, que a um estágio *nebuloso*, segue-se um estágio *transparente*, em que são claramente discerníveis os papéis atribuídos a cada parte da massa do pensamento e do som. Um desenho utilizado no capítulo IV representa graficamente a metáfora das *subdivisões contíguas*, que ilustra de forma clara a aposta de Saussure na transparência e na fixidez das correlações entre os dois planos:



Desenho da página 131 do CLG

É interessante observar como este esquema simplifica a evidente complexidade das relações entre significante e significado, no mínimo porque não contempla fenômenos, como polissemia e homonímia, que são amplamente reconhecidos pela semântica, em sua dimensão problemática para a identidade e delimitação dos signos lingüísticos. Um esquema que talvez acomodasse melhor esta complexidade poderia ter a seguinte forma:



Desenho comparativo ao da página 131 do CLG

Seja na versão original simplificada, seja no esquema mais complexo sugerido, no entanto, supõe-se de toda forma uma relação estável entre porções do significado e do significante. Como isso se dá, contudo, Saussure não deixa inteiramente claro.

Uma promessa de explicação encontramos nas considerações de Saussure sobre o valor lingüístico. Talvez, para Saussure, o leitor do *Curso* (e ele mesmo?) se satisfizesse com uma afirmativa do tipo, “a língua como pensamento organizado na matéria fônica [...] não pode ser senão um sistema de valores puros” (CLG:130). Sabemos, que o objetivo do *Curso* com o desenho 1 é preparar o terreno para apresentar a tese, que, certamente, é uma das mais importantes, e que, de certa forma, resume a teoria lingüística saussuriana, a saber, “*a língua é uma forma e não uma substância*” (CLG:135).

Algumas perguntas, contudo, parecem persistir, sobretudo no que tange à dimensão do significado: através de quais critérios são identificados os significados? através de quais critérios são localizados os significados?

Será que para entender a linguagem é realmente necessário delimitar-lhes as unidades? Será que o próprio empenho delimitar as unidades de uma língua não é aderir a uma visão representacionista da linguagem? Não procuramos saber se essas perguntas têm resposta afirmativa ou negativa, porque esta investigação procura apenas revelar uma tensão, mostrando que o ideal cientificista, onipresente na teoria saussuriana, de capturar de maneira absoluta os elementos da língua, convive com uma reflexão profunda acerca da linguagem, cujo caráter arredo, instável e momentâneo, Saussure não deixou de levar em consideração. É

de se registrar, nesse contexto, a presença “desconcertante” da metáfora da língua como massa indistinta, tão contrária à imagem de um sistema fixo e estruturado recorrentemente defendida no curso.

A tensão provocada primeira pergunta será adiante confrontada com a tensão que se encontrará também presente na resposta ao segundo problema.

3.2.2

Onde termina o pensamento e começa a linguagem

Com base no que vimos no capítulo anterior, podemos dizer que uma das mensagens essenciais do estruturalismo saussuriano é que “a linguagem não é um bônus social gratuito com vistas à comunicação, mas um *sine qua non* para a articulação de qualquer estrutura analítica de idéias” (Harris, 1987:209). O **segundo** problema, que vamos tratar a partir de agora, é o que diz respeito à possibilidade de existir pensamento antes da expressão lingüística.

Vamos começar por observar a metáfora da pressão do ar na água, que se destaca no conjunto da obra de Saussure, principalmente pela poesia que dela se depreende. Concordamos com Harris quando afirma que esta metáfora talvez seja uma das mais cativantes do *Curso*.

Harris expõe de forma particularmente perceptiva os motivos pelos quais Saussure trouxe para o seu texto a metáfora da pressão do ar na água. Segundo sua opinião, a importância desta metáfora tem relação com o fato de ela resumir eficaz e oportunamente os objetivos centrais da teoria saussuriana, a saber: (i) demonstrar que a linguagem não está entre o pensamento e o som; ela é a articulação dos dois; e (ii) demonstrar que a configuração que se dá é a configuração simultânea dos dois planos. Transpondo para o plano da linguagem o jogo imagético trazido por essa metáfora, podemos fazer o seguinte raciocínio: as marcas que vemos na água constituem um padrão que resulta de seu contato com o ar. Assim como marcas que vemos na água são mais perceptíveis, porque a água é visível e tangível, e o ar, invisível e intangível, também a dimensão tangível do som é aquela que materializa a estrutura resultante de seu contato com a dimensão intangível do pensamento. No entanto, nos dois casos, o padrão tangível só se dá pelo contato com sua contraparte intangível. De fato, o que o observador vê é uma massa de água pressionada por uma massa de ar. E o que o

falante percebe é o som de uma palavra, não o seu significado, que é intangível (Harris, 1988:30).

O pensamento e a linguagem, para Saussure, estão numa relação indissociável, são ambos amorfos antes da junção que os constitui. Aqui, um paralelo interessante pode ser traçado, considerando-se o tema da constituição do universo pelo que ficou conhecido como o *Big Bang*. A questão mais embaraçosa, que dominou a mente dos cientistas por um certo período, era: mas antes do *Big Bang*, o que existia? E a resposta mais embaraçante e ao mesmo tempo esclarecedora é: essa pergunta não pode ser formulada, porque a noção temporal ainda não existia; ela se funda justamente depois da explosão. Falar do depois é possível porque já se está numa configuração temporal. Pensar que antes da linguagem, há um processo obscuro no cérebro referente ao pensamento, é como querer provar que há o *antes* do *Big Bang*.

Uma leitura da teoria saussuriana autoriza dizer, pois, que não há pensamento sem linguagem. De fato, a metáfora com que Saussure ilustra essa junção não fala de explosões, mas antes de massas amorfas, que se juntam e, ao se juntarem, decompõem-se, formando assim a linguagem através de um processo complexo e, como visto acima, carente de explicação.

Observamos que Saussure é insistente em deixar claro que o pensamento-som é indissociável da linguagem, pois ele dedica as duas primeiras páginas do capítulo “O valor lingüístico” a apresentar esse posicionamento. Também observamos que a ênfase na teoria saussuriana recai sobre a tese da não anterioridade do pensamento, sendo nítida sua posição, quando defende que só através de uma abstração concebemos pensamento sem linguagem (CLG:130).

Nesse ponto, Saussure parece mover-se de forma clara na direção de uma perspectiva não representacionista. É de se registrar aqui o paralelo estreito com o pensamento anti-representacionista de Wittgenstein. Em sua *Gramática Filosófica*, sustenta uma posição afinada com a visão saussuriana acima descrita, afirmando: “quando penso na linguagem, não há significados indo somar-se, através de minha mente, a expressões verbais; a linguagem é ela mesma o veículo do pensamento” (*apud* Harris, 1988:27).

Nosso senso comum, como vimos, insinua uma compreensão diferente. Informa-nos a todo momento que nosso pensamento é um processo normalmente obscuro e anterior à nossa linguagem. Provavelmente, essa visão dissociativa de

linguagem e pensamento se deve ao nosso modo de falar sobre nossos pensamentos, conforme vimos quando tematizamos a *metáfora do conduto*. Nossa linguagem sobre a linguagem nos conduz, de certa forma, a um entendimento de que o pensamento é anterior à linguagem, sugerindo que o pensamento fornece as idéias que alocamos em palavras, ou seja, o pensamento é o próprio conteúdo que despejamos nesse enorme recipiente que é a linguagem.

Entretanto, também se observou que, nas metáforas que tratam da linguagem e do pensamento como massas informes, (nebulosa, amorfa, indistinta), estava presente a idéia de que o pensamento pode ser anterior à linguagem, e que, assim como se crê no senso comum, algo misterioso conecta esses dois domínios. Esse mistério o próprio Saussure reconhece:

Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo *misterioso*, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas. (CLG:131 grifo nosso)

Essas porções de pensamento-som, em que a língua é dividida, correspondem à definição mais estrita de *palavra*. Com efeito, segundo Saussure, “sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas idéias de modo claro e constante” (CLG: 130).

Na verdade, o que resultado desta pesquisa indica é que há uma convivência constante de duas visões em praticamente todos os temas abordados pelo *Curso*. No que tange especificamente à questão da anterioridade do pensamento em relação à linguagem, no entanto, parece preponderar na teoria saussuriana o movimento anti-representacionista de enfatizar a indissociabilidade entre os dois domínios.

Seja qual for o aparato misterioso por meio do qual obtemos as conexões entre porções de som e porções de pensamento, o fato é que Saussure constrói uma teoria do signo lingüístico, que resumidamente entende por palavra “uma entidade cujo significado não é explicado pela referência ao pensamento que ela expressa”, sugerindo que tampouco “o pensamento é explicado pela referência a um objeto ou a uma característica do mundo externo que ela ‘mentalmente’ representa” (Harris, 1987:29). O conceito tradicional de palavra, na teoria saussuriana, é substituído por uma “unidade indivisível de som e sentido”,

formada a partir da junção da massa do pensamento e da matéria plástica do som, e significativa em oposição às demais unidades pertencentes ao sistema lingüístico do qual faz parte (op.cit:29). Fala e pensamento são interdependentes, portanto, ocorrem sempre simultaneamente, e tornam, possível, dessa forma, a linguagem.

Uma das afirmações de Saussure, que também confirma a indissociabilidade do pensamento e da linguagem e a não anterioridade daquele em relação a esta encontra-se logo no início do capítulo “O valor lingüístico”: “não existem idéias pré-estabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (CLG: 130).

De qualquer forma, seja o pensamento anterior ou não à linguagem, o interessante é que todas essas metáforas nos ensinam a tomar uma perspectiva da linguagem que faz com que seja impossível pensar que expressamos algum pensamento que se relaciona a alguma entidade extra-lingüística. Trocando em miúdos, depois que a língua está formada e que seus constituintes possuem determinados valores em relação de oposição aos outros valores da língua, não se pode falar que tais constituintes, em ocasião alguma, expressam algum pensamento ou sentimento “autônomo” do tipo: a palavra “amor” expressa um sentimento afetivo profundo que uma pessoa sente por outra.

Segundo a teoria saussuriana, a palavra “amor” é um valor lingüístico em relação aos outros valores de um determinado sistema lingüístico. Além disso a palavra “amor” da língua portuguesa não possui um equivalente em outro sistema lingüístico, já que cada sistema é um conjunto fechado de valores que se opõem entre si, não sendo possível estabelecer qualquer equivalência com valores tomados de outros sistemas (CLG:135).

Apesar de parecer bem fechada a tese que defende que pensamento e linguagem não podem ser tomados dissociadamente, ainda assim, como vimos, Saussure alude à existência de um estágio anterior que, por nebuloso que seja, insiste em reclamar nossa atenção. Podemos talvez associar esse estágio nebuloso a uma experiência relativamente comum, perguntando-nos: o que vem a ser o esforço, que muitas vezes empreendemos, na tentativa de expressar algo que conhecemos, mas que ainda não possui forma? Podemos, por outro lado, pensar que talvez essa forma de ver o problema da anterioridade do pensamento seja ela mesma uma decorrência da *metáfora do conduto*: será que somos sempre capturados pelos termos usuais de nossa linguagem, e por isso pensamos, por

vezes, que estamos buscando palavras para nossas idéias, enquanto que o que estamos fazendo é usar a linguagem num caminho em que *parece* que nós não a estamos usando, em que *parece* que ela está suspensa, sendo que na verdade ela está ali, disfarçada de ausente?

A persistência dessas e outras questões indicam que o problema não se dissolve facilmente, permanecendo embaraçosa a pergunta: o que são exatamente língua(gem) e pensamento? A busca de respostas a essa pergunta nos remete de volta à teoria do *Big Bang*. Essa talvez não seja uma pergunta formulável, ainda mais diante da precisão exigida pelo advérbio exatamente. No *Curso* de Saussure, a relação entre linguagem e pensamento é apresentada como uma relação de tal forma íntima que se torna difícilimo conhecer os limites fronteiraços entre esses dois planos.

Lançar essas questões é importante para compreender a visão de linguagem e de significado adotada no *Curso* de Saussure. Harris sugeriu que, para compreendermos algumas das implicações dessas questões nessa obra, seria interessante confrontá-las com os processos apresentados na teoria saussuriana do *circuito da fala*. Para começar a comentar essa relação, vejamos o seguinte trecho, em que está a descrição da situação de intercâmbio verbal:

O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma pessoa, onde os fatos de consciência, a que chamamos conceitos, se acham associados às representações dos signos lingüísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. *Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente psíquico*, seguido por sua vez de um processo fisiológico. (CLG:19 grifo nosso)

O conceito suscita no cérebro uma imagem acústica; esse fenômeno é inteiramente psíquico, e o que é mais interessante é que ele é a síntese da junção do pensamento-som de que falávamos há pouco. Vejam bem, essa junção se dá a todo momento e é, ao mesmo tempo, previamente dada porque a língua é, antes do processo de comunicação entre dois interlocutores ser iniciado, um fenômeno amplamente estabelecido, um sistema representado no cérebro. Vamos observar como, no pensamento de Harris, o modelo do circuito da fala da teoria saussuriana pode fornecer respostas às perguntas acima formuladas. Para respondê-las, Harris não acessa nenhuma das seis metáforas transcritas nesta seção, ele se remete à metáfora mais conhecida do *Curso de Lingüística Geral*, a metáfora do jogo de

xadrez, de que voltaremos a falar nas duas seções que se seguem a esta. São implicações da metáfora do jogo de xadrez que darão respostas aos problemas elencados acerca da anterioridade do pensamento em relação à linguagem.

Primeiramente, Harris retoma o problema da procura por palavras, que para nosso senso comum é um indício de que há pensamento anterior à expressão lingüística. Ele compara essa procura com a escolha da melhor jogada num jogo de xadrez. As variedades existem e o falante e o jogador querem achar a melhor para cada caso. Da comparação, Harris formula um princípio claro: “o pensamento para Saussure seria uma falha da fala que necessita ser completada, como se fosse um problema do jogo resultante de um episódio particular de uma jogada” (Harris, 1987:32-3). Em segundo lugar, observa o problema da procura por uma palavra, cujo significado é conhecido, mas falta o significante. “O processo que conecta as duas falha, seria como um lapso temporário no comando prático das regras, o que é bastante raro no jogo de xadrez” (op.cit.:32-3). Em terceiro lugar, observa o problema da hesitação em falar uma expressão recente numa dada língua, cujo exemplo de Saussure é o do caso do verbo *indécorable* (CLG: 193). “O que Saussure pensa sobre esse tipo de caso é que, por mais que a palavra nunca tenha sido ouvida antes, possuímos um modelo já existente de sua formação (por reconhecer seus elementos constitutivos morfológicamente). Um jogo análogo ao do *indécorable* é o jogo em que se exploram as possibilidades para onde as regras levam, mas que nunca antes um jogador havia tido a necessidade de usá-las” (Harris, 1987:32-3).

O que se discutiu acima foi a presença de uma visão na teoria saussuriana que defende que linguagem e pensamento são indissociáveis, e como questões em aberto, sobre processos mentais, que se pensa serem anteriores à linguagem, podem ser esclarecidas diante da teoria da comunicação de Saussure, representada no *Curso* pelo circuito da fala. Em seguida, resumiremos como esse ensaio de respostas aos dois problemas colocados no início desta seção, nos leva a identificar a tensão entre a visão representacionista e a visão não-representacionista da linguagem e do significado lingüístico.

* * *

Resumiremos e aprofundaremos agora os indícios que nos fazem ver a presença de uma tensão, na teoria saussuriana, entre duas visões distintas, a visão representacionista, presente na maioria das correntes lingüísticas do século XX e a visão não-representacionista, mais incomum, e nesta pesquisa compreendida como filiada ao pensamento do segundo Wittgenstein. Como já foi dito, essa tensão repercute nas concepções de linguagem e significado da teoria lingüística saussuriana, manifestando-se nas metáforas de que Saussure se vale para apoiar suas proposições.

Tratamos de dois problemas. No exame do primeiro, questionou-se a possibilidade de um entendimento fácil da junção do pensamento-som resultando na linguagem. Além disso, mostrou-se que essa junção produzia uma divisão em partes estáveis de pensamento-som pertencentes a um sistema estruturado. Na análise do segundo problema, enfocou-se a questão da anterioridade do pensamento em relação à linguagem, salientando-se a visão de Saussure de que são indissociáveis. Também foi examinado o modo como o pensamento é concebido no circuito da fala saussuriano. A seguir, vamos demonstrar por que as teses saussurianas acerca da estabilidade do signo e dos processos mentais envolvidos no circuito da fala são características de uma concepção representacionista da linguagem e do significado lingüístico, bem como as razões que nos fazem atribuir a defesa da indissociabilidade da linguagem e do pensamento a uma perspectiva não-representacionista do tipo daquela defendida por Wittgenstein.

A tensão presente nas questões que relacionam linguagem e pensamento parece situar-se entre a idéia de que os falantes compartilham um sistema estruturado, formado por um processo *misterioso* a partir da junção de duas massas indistintas e caóticas, e a idéia de que a mente é o lugar em que se processa/deposita um sistema regulado de valores, *independentes de qualquer relação extra-lingüística* – um sistema que, por sua vez, apta os seres humanos a desempenhar uma diversidade incomensurável de atividades lingüísticas e não lingüísticas.

Harris, que concorda com muitas das idéias de Wittgenstein, afirma que no *Curso*, à medida que Saussure expurga a visão, também criticada por Wittgenstein, de que a linguagem é composta de uma parte *orgânica*, formada pela significação dos conceitos e pela interpretação de pensamentos que

atribuímos a eles, e de uma parte *inorgânica*, que corresponderia ao “manejamento dos signos da língua”, acolhe, paralelamente, uma visão de que a linguagem é uma operação exata que possui um reflexo perfeito na mente do interlocutor, operação sem a qual não seria possível a comunicação humana.

Como vimos, a visão representacionista da linguagem está presente no *Curso* de Saussure, quando ele defende, para o signo, uma considerável estabilidade e também quando defende, para os falantes envolvidos na comunicação, uma identidade de processos mentais. Harris destaca que, em Saussure, a presença de uma visão representacionista tem uma inspiração conhecida. Segundo ele, deve-se à importação do modelo de comunicação de Locke ao circuito da fala saussuriano. Harris demonstra que o modelo de Saussure, proposto no século XX, origina-se na teoria da translação de Locke, do século XVII, já que herda duas premissas básicas do modelo lockeano:

A comunicação é um processo telementacional, uma transferência de pensamentos de uma mente humana a outra, e a condição necessária e suficiente para o sucesso do processo telementacional é que o pensamento do ouvinte seja idêntico ao do falante. (Harris, 1988:205)

As semelhanças, portanto, entre Locke e Saussure que nos autorizam a dizer que há uma aceitação da visão representacionista da linguagem, estão exatamente neste ponto: “ambos proclamam a completa simetria entre a codificação e a decodificação. O entendimento de B é a imagem no espelho do que pronunciou A” (op.cit.:210).

Além disso, Harris aponta que Saussure adota pressupostos da teoria das formas de Platão, que diz que todo nome comum deve ter um significado fixado. Ora, como vimos, Saussure igualmente reivindica uma estabilidade do signo, e essa sua reivindicação é claramente uma adesão à visão representacionista do significado lingüístico. Tanto para Platão quanto para Saussure, a comunicação só é possível porque falantes e ouvintes possuem o mesmo objeto em suas mentes, ainda que o objeto da mente saussuriano, ao contrário da *idéia* platônica, não tenha relação com qualquer entidade extra-lingüística.

Outro indício representacionista no modelo do circuito saussuriano é uma *idéia* remanescente do modelo de Locke, que via o conceito como um botão propulsor do movimento que inicia o circuito da fala. Na passagem que

trascrevemos na página 65, lê-se também que o ponto de partida do modelo de Saussure está no conceito.

Uma diferença entre os modelos de Locke e Saussure, mas que não torna, por isso, a visão da teoria do circuito menos representacionista, está no fato de que o modelo lockeano é um modelo de translação, ou seja, as idéias da mente de A são transferidas para a mente de B. No modelo saussuriano não há propriamente uma transferência; a mensagem de A chega a B já pré-programada, a operação que se realiza, na mente de B, é uma operação de acesso a uma espécie de base de dados.

A despeito desse movimento claro de adesão ao representacionismo na discussão, um movimento de reação igualmente claro faz-se presente no *Curso* de Saussure, quando ele insiste ser a relação linguagem e pensamento indissociável. Observamos que o *Curso* postula que a expressão lingüística não é posterior ao pensamento. Para Wittgenstein, também é um engano pensar que a fala é significativa em virtude de um processo obscuro de pensamento que a acompanha; ao contrário, sob sua perspectiva, a fala é significativa porque, em cada momento em que é instanciada, um falante está tomando lugar no jogo da linguagem. Tomar lugar no jogo, como explica Harris, não é realizar uma ação desprovida de reflexão. Os falantes de uma língua a conhecem suficientemente, condição necessária para que possam tomar lugar no jogo. Segundo Harris, de acordo com a perspectiva wittgensteiniana, os pensamentos são a própria fala, aquilo que é público. (Harris,1987:31-2)

A fala, tanto no *Curso* quanto na visão wittgensteiniana, é uma forma de pensamento em que se pronunciam as palavras em voz alta. Harris, acrescenta, “de fato, só é possível falar as palavras em silêncio porque é possível falar em voz alta.” (op.cit.: 32)

A argumentação de Harris gira em torno da de Wittgenstein, que segundo ele, “não nega que uma pessoa possa ter um comportamento descrito como um pensamento sem palavras”, como mostra a seguinte reflexão:

Poderia também, ocupado com uma medição qualquer, agir de tal modo que quem me observasse diria que eu pensava – sem palavras: se duas grandezas são iguais a uma terceira, elas são iguais entre si. – Mas o que constitui aqui o pensar não é um processo que deve acompanhar as palavras quando não são pronunciadas sem pensar. (IF: § 330)

Voltando ao circuito da fala saussuriano, uma diferença fundamental entre este e o modelo lockeano, e que nos autoriza observar a presença constante da tensão entre as duas visões, é que Saussure diferentemente de Locke, que concebia pensamento sem linguagem, sustentava que não há pensamento sem linguagem.

O fato também de Saussure introduzir a noção de signo lingüístico no lugar de palavra, e de postular que não há uma translação de mensagens de uma mente a outra no processo de comunicação, são indícios da presença de uma visão não-representacionista no interior da teoria de comunicação proposta no *Curso*.

Além disso, o modelo saussuriano é um avanço em relação ao modelo de Locke, porque este sustentava em sua base uma forma de nomenclaturismo. No *Ensaio* de Locke, observa-se que ele é claramente um defensor de que as palavras são recipientes para idéias na mente, que, por sua vez, organiza suas idéias independentemente da linguagem. E sabe-se que Saussure tem como principal alvo de críticas os nomenclaturistas, que viam nos nomes sucedâneos de entidades extra-lingüísticas.

Esperamos ter mostrado que, no *Curso* de Saussure, as metáforas analisadas nesta seção iluminam, mais que obscurecem, aspectos importantes para compreender a proposta de sua Lingüística. O objetivo desta seção foi problematizar essas metáforas, buscando entendê-las sob ângulos que nos revelaram a convivência entre duas visões distintas de linguagem. Atribuímos essa convivência à – rica – incompletude da obra saussuriana e também a uma fertilidade do pensamento de Saussure, atestada por seus biógrafos, que freqüentemente observaram que seu pensamento pulsante torna sempre difícil o tratamento de questões sob apenas um ponto de vista.

3.3 Estado e variação: oscilações no jogo da linguagem

O conceito de regra é um dos principais elos na analogia entre linguagem e jogos. Sem ele, a analogia poderia caminhar pessimamente, ou sucumbir completamente.

(Harris,1988:69)

Nesta seção, o tema geral do qual trataremos será a língua vista como um sistema de regras. A análise de metáforas que realizamos aqui tem por objetivo fornecer elementos para compreender os tipos de resposta oferecidos no *Curso* para a seguinte questão geral: *Em que consiste a regularidade do fenômeno lingüístico?* Teremos oportunidade de observar, mais uma vez, a oscilação entre movimentos de reação e adesão ao representacionismo que constitui o foco deste trabalho.

Selecionamos quatro metáforas que, a nosso ver, relacionam-se com o tema de forma especialmente clara:

- 1) A metáfora das operações aritméticas
- 2) A metáfora do dicionário e da gramática
- 3) A metáfora da álgebra
- 4) A metáfora do jogo de xadrez

Todas essas metáforas ocorrem no *Curso* em contextos em que Saussure está empenhado em apresentar e definir a língua como um *sistema* estruturado. Para conseguir alcançar este objetivo, Saussure lança mão de pelo menos duas estratégias: (a) delimitar a língua por contraposição a tudo aquilo que lhe é *externo*; e (b) caracterizar a língua tendo em vista as suas propriedades *internas* de organização. As metáforas que selecionamos para análise parecem dividir-se naturalmente entre essas duas estratégias. As metáforas 1 e 2 acima ocorrem no contexto em que Saussure busca contrapor a *língua* às dimensões “exteriores” da *fala* e da *linguagem*. As metáforas 3 e 4, por sua vez, dizem respeito mais diretamente a uma caracterização interna da língua, compreendida como um sistema de relações.

Em benefício de uma maior clareza expositiva, dividimos, então, as 4 metáforas acima em dois grupos, conforme sua associação com as caracterizações

externa e *interna* da língua. É importante perceber, no entanto, que as metáforas em exame não se distribuem de forma rígida nas duas classes apresentadas. Merece destaque, nesse aspecto, a metáfora do jogo de xadrez, de que, conforme veremos, Saussure se vale para iluminar tanto aquilo que deve ser considerado *externo* ao domínio da língua, quanto a natureza *interna* de sua organização.

3.3.1 Língua, fala, linguagem

Ao buscar delimitar a língua como um sistema estruturado em oposição ao que lhe é externo, Saussure se empenha especialmente em reforçar que a *língua* não se confunde com a *fala* [*parole*] por um lado, e nem com a *linguagem*, por outro. A nosso ver, duas metáforas importantes vêm em seu auxílio nesta tarefa: a metáfora das operações aritméticas e a metáfora do dicionário e da gramática.

A **metáfora das operações aritméticas** pode ser identificada nas seguintes passagens:

- (i) A língua é para nós a linguagem menos a fala. (CLG:92)
- (ii) De que maneira a fala está presente nessa mesma coletividade? É a soma do que as pessoas dizem, e compreende: a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação, igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações. [...] Nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas. No caso, não há mais que a soma dos casos particulares segundo a fórmula: (1+1'+1''+1'''...) (CLG: 27-28)
- (iii) Esse modo de existência da língua pode ser representado pela fórmula: 1 + 1 + 1 + 1 + 1 ... = I (padrão coletivo) (CLG: 27)⁴

Para iniciarmos, vamos partir da análise da caracterização metafórica sintética e conclusiva a respeito da língua apresentada em (i): língua é linguagem menos a fala.

Essa passagem ocorre na Primeira Parte do *Curso*, no capítulo em que Saussure trata da questão da mutabilidade e da imutabilidade do signo. Nos

⁴ Essa passagem ficará mais clara adiante, quando em cotejo com nossas considerações sobre a metáfora do dicionário e da gramática.

capítulos anteriores a este, Saussure elenca uma série de proposições a respeito da linguagem, muitas das quais giram em torno da idéia de que a linguagem é “um aglomerado confuso de coisas heteróclitas sem liame entre si”, o que sugere que, tomada em sua totalidade, a linguagem é incognoscível, é incapaz de fornecer “um ponto de apoio satisfatório para o espírito” (CLG:16-17). A relevância desta passagem está no fato de ela ser um exemplo da metáfora ontológica, porque pode-se lê-la como uma tentativa de coisificação do objeto *langue*. Para Saussure, o lingüista não deve estudar a *linguagem*, deve estudar apenas uma parte dela; nesse sentido, ele faz questão de distinguir “no seio do fenômeno total que representa a linguagem, dois fatores: a língua e a fala” (CLG:92). Saussure propõe então que uma equação simples – língua é linguagem menos fala – é suficiente para esclarecer a delimitação da língua, esta sim passível de uma definição autônoma, com o adendo de que não pode ser tomada fora de sua realidade social (como Saussure não nos deixa esquecer, “em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social”) (CLG:92; v. tb. p. 17).

Essa equação possui desdobramentos naturais que nos ajudam a compreender a conceituação saussuriana de língua e fala. Consideremos linguagem, língua e fala, como as variáveis (x), (a) e (b), respectivamente:

1. $(a) = (x) - (b)$ essa equação representa a proposição de Saussure;
2. $(x) = (a) + (b)$ essa outra é condição necessária da primeira;
3. $(b) = (x) - (a)$ essa, igualmente, é condição necessária da primeira.

A esses desdobramentos somos levados pela caracterização metafórica de Saussure, que nos faz projetar nosso modo de pensar sobre a matemática para o campo do fenômeno lingüístico. Nossa experiência de senso comum com a matemática nos informa que é uma ciência *exata* que lida com grandezas *precisas* e facilmente *manipuláveis*. Ao tratar a *língua*, a *fala* e a *linguagem* como se fossem grandezas matemáticas, Saussure nos autoriza a transpor para o campo da linguagem outras operações aritméticas (2 e 3 acima) associadas à sua equação inicial. Convida-nos, pois, a pensar a linguagem como um *produto* bem determinado que resulta da *soma* de duas entidades igualmente bem definidas, a *fala* e a *língua*. Quando nos detemos em explorar as conseqüências da projeção do

raciocínio matemático para o campo da linguagem, encontramos nesse caso, no entanto, alguns obstáculos consideráveis.

Para começar, as seguintes dúvidas podem nos ocorrer: como é possível estudarmos a língua e a fala, e ainda continuar a linguagem a ser incognoscível, se ela é apenas a soma desses dois domínios? Será que ela é realmente a soma desses domínios? Será que se pode compreender bem a linguagem pela metáfora aritmética? Será que se pode colocá-la numa equação tão elementar?

Outras passagens do texto de Saussure indicam que o incognoscível se refere muito mais à fala que à própria linguagem, já que o autor reconhece a dificuldade em delimitá-la. Lê-se claramente no *Curso* que a fala, apesar de ser um objeto de natureza concreta, não pode ser estudada separadamente, e que os atos de fala não são tangíveis, ao contrário dos signos da língua, que podem ser fixados pela escrita (CLG: 22-3). A fala, portanto, é excluída dos estudos lingüísticos propostos por Saussure, ainda que momentaneamente. Saussure não tinha meios de tratar dela, embora tenha sinalizado que era necessário estudá-la. De fato, no *Curso* há um capítulo dedicado a apresentar um ramo da Lingüística que se ocuparia exclusivamente da fala.⁵

O interesse fundamental de Saussure é, no entanto, caracterizar a *língua* – e as considerações que faz sobre a *fala* parecem servir ao propósito de auxiliar, por contraste, essa caracterização. A fala é conceituada no *Curso* basicamente nos capítulos III e IV da Introdução, quando a meta de Saussure é definir o objeto da Lingüística, retirando a fala do seu escopo central, reservando-lhe um lugar especial.

A primeira definição encontrada está na passagem que explica o *Circuito da Fala*. Diz o seguinte:

[...] o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos *fala*. (CLG:21)

Nesta passagem do *Curso*, a nosso ver, estão contidas todas as características normalmente atribuídas à fala pelos comentadores de Saussure, quando confrontadas com as da língua, nas famosas tabelas comparativas. Com o

⁵ Sobre os desdobramentos de uma Lingüística da Fala, em Saussure, ver Bouquet, http://www.revue-texto.net/Inedits/Bouquet_Linguist-gen.html

“de fora”, pode-se ler que a fala é acessória; com o “individual”, que ela é obviamente não coletiva; com o “senhor”, que é um ato de inteligência e de vontade; com o “executivo” (adjetivo associado neste contexto à transformação do conceito em imagem acústica), que a fala é um processo que envolve aspectos psicológicos e fisiológicos.

Saussure volta a tratar do tema da fala, quando, mais adiante no texto, assegura-lhe um ramo da Lingüística, nomeando, em oposição à Lingüística da Língua, uma Lingüística da Fala. Desta vez, a conceituação apresentada segue um caminho diferente: explora mais uma vez a metáfora da aritmética que nos interessa aqui. Conforme fica claro no trecho (ii), transcrito acima, a fala aparece sob a metáfora *de uma soma*: a soma de atos voluntários de indivíduos pertencentes a uma mesma coletividade. A metáfora vem expressa sob a forma de uma fórmula matemática, representando a adição dos casos particulares:

$$(1+1'+1''+1''' \dots)$$

Para compreendermos melhor a metáfora da fala como uma soma, é necessário confrontar sua definição com a definição de *língua* transcrita no trecho (iii) acima. Saussure ali se vale mais uma vez da metáfora aritmética, caracterizando-a como o produto de uma soma. A seguinte fórmula expressa a idéia de que a língua é um *padrão coletivo* que resulta da soma de “sinais depositados em cada cérebro” (CLG:27):

$$1 + 1 + 1 + 1 \dots = I \text{ (padrão coletivo)}$$

A caracterização de língua, neste contexto, complementa e é complementada por uma outra metáfora importante: **a metáfora do dicionário e da gramática**. Assim, Saussure nos diz:

- (iv) [...] a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários. (CLG: 27)

- (v) É esta possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens. (CLG:23)

Compreendida como um dicionário e uma gramática, a língua parece ganhar um aspecto de *concretude*, que vem se somar à propriedade da *exatidão* realçada pelas metáforas aritméticas, concorrendo para que tomemos a língua como um sistema uno, fixo e bem delimitado. É interessante lembrar aqui o empenho explícito de Saussure, já comentado anteriormente, no sentido de *coisificar* o seu objeto de estudo. Com efeito, conforme aponta Gadet, por concordar com uma epistemologia kantiana, que considerava pejorativo o termo *abstrato*, Saussure evitava associar seu projeto com “abstrações” – e isso apesar de, paradoxalmente, ter sido considerado um pesquisador que abriu portas para o estudo do abstrato no século passado, justamente porque qualificou a língua como psíquica (Gadet, 1987: 79).

Seja como for, Harris comenta que a comparação metafórica entre a língua, o dicionário e a fórmula matemática sugere “que os algarismos arábicos do lado esquerdo da equação são os exemplares particulares dos dicionários que, apesar de inúmeros, não somam mais que um léxico (representado pelo algarismo romano do lado direito)” (Harris, 1987:35).

Observando a fórmula proposta para a fala, percebe-se que esta não é uma equação, ou seja, não há um *produto*, como há o padrão coletivo na fórmula da língua. Com isso, Saussure parece reforçar a delimitação, a unidade e a finitude da língua, em contraste com o caráter não inventariável da fala. Observa-se ainda, nesse sentido, que os números que compõem a fórmula da fala são os mesmos; estão diferenciados apenas pelos índices dispostos em ordem crescente (1', 1'', 1'''...), revelando assim que eles representam os atos de fala como grandezas análogas, mas sem unidade. Harris sintetiza de maneira brilhante a interpretação das fórmulas acima:

O que essa fórmula tenta expressar é o fato que não há correspondência direta entre fatos de *langue* e fatos de *parole*. A correspondência é sempre mediada pelos indivíduos. Se não fosse essa mediação crucial, a relação entre língua e fala poderia ser uma simples relação de abstração. De qualquer forma, entretanto, há uma dupla classificação inevitável a ser enfrentada (individual vs. social). Além disso as duas classificações operam sobre diferentes princípios. A classificação

de um ponto de vista individual considera atos de fala em relação com cada experiência lingüística individual (1 + 1 + 1 + 1 + 1 ...). A classificação de um ponto de vista social generaliza através de indefinidos atos de fala e indefinidos indivíduos, ignorando suas particularidades. Isso explica porque a prioridade entre fatos de fala e fatos de língua pode ser vista de diferentes perspectivas. [...] Do outro lado, como um fato social estabelecido, a linguagem não é a soma total finita de fatos de fala envolvendo um número específico de indivíduos: é a unidade (I) que torna um número indefinido de atos de fala (1 + 1' + 1'' + 1'''...) através de um número indefinido de indivíduos (1 + 1 + 1 + 1 ...) manifestações de uma e da mesma linguagem.” (op.cit.:35-6)

As definições exploradas acima representam o início de um longo percurso de conceituação de *língua* que, no *Curso*, culmina na precisão do chamado *sistema idiossincrônico*⁶. Antes de tudo, porém, Saussure a define como o seu objeto de estudo, que é segundo ele, um objeto de natureza concreta, “bem definido no conjunto heteróclito da linguagem” (CLG:22). As coisas relativas à língua, diz Saussure, podem ser fixadas, já que seus signos – diferentemente dos atos de fala – são tangíveis e trans-subjetivos, “idênticos” entre os indivíduos.

Separando a língua daquilo que lhe é *externo* no terreno da linguagem, notadamente a *fala*, Saussure a define, em suma, da seguinte forma :

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (CLG:17)

Do que foi dito acima acerca de linguagem, língua e fala, pudemos observar como a presença das metáforas da aritmética e do dicionário e da gramática contribui para uma visão de que os acontecimentos da língua são capturáveis em si mesmos e são sensivelmente os mesmos em todos os indivíduos, que dependem, por sua vez, de uma massa social. Dizer que na mente de cada indivíduo há uma língua representada como que por um dicionário e uma gramática é algo que tem certas implicações. Como veremos a seguir, a teoria saussuriana apresenta enormes avanços, notadamente a proposta radical de se compreender a *língua como forma e não como substância*. Compará-la a um conjunto no qual coabitam um dicionário e uma gramática é algo que parece afinar-se com um movimento de inclinação representacionista, dissonante em

⁶ O estudo do sistema idiossincrônico tem por objetivo o conjunto de fatos simultâneos correspondentes a cada língua – idioma – em particular. (cf. CLG:106)

relação ao radicalismo que encontramos em outros momentos teóricos do *Curso*. Igualmente dissonante em relação aos movimentos mais anti-representacionistas do *Curso* é compreender a língua como uma realidade dotada da exatidão e da auto-evidência de uma entidade matemática.

Ao examinarmos, no segundo grupo de metáforas desta seção, as proposições de Saussure acerca da natureza *interna* da língua enquanto sistema, veremos que se caracterizam por impor certas restrições a esse movimento representacionista, fazendo-o conviver mais de perto com movimentos alternativos por vezes bastante antagônicos.

3.3.2

A natureza interna do sistema

Das metáforas de que Saussure se vale para caracterizar a natureza interna da língua enquanto sistema, uma que nos parece especialmente importante é a **metáfora da álgebra**. Ela comparece na seguinte passagem:

A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos. (CLG: 141)

O primeiro ponto que gostaríamos de salientar é bastante geral: parece significativa a recorrência com que Saussure se aproxima do campo da matemática em suas metáforas para o fenômeno lingüístico. A metáfora da álgebra soma-se às aritméticas vistas na seção anterior e a outras espalhadas pelo *Curso*, como, por exemplo, a dos matemáticos “que desprezam as quantidades infinitesimais em certas operações”, utilizada para indicar a atitude “correta” do lingüista sincrônico, que deveria igualmente desprezar variações superficiais (CLG:118). Conforme já tivemos oportunidade de sugerir, esse movimento parece associar-se ao projeto saussuriano de firmar o lugar da Lingüística entre as ciências estabelecidas.

A metáfora da álgebra, no entanto, tem uma especificidade que a destaca das demais: encerra em si mesma o exemplo talvez mais contundente da tensão entre representacionismo e não representacionismo que constitui o foco desta pesquisa. Pois os dois movimentos são aí claramente discerníveis. Vejamos.

O que está realmente sendo comparado nesta metáfora? Primeiramente, vamos pensar no que quer dizer álgebra. Álgebra é a parte da matemática elementar que generaliza a aritmética, na forma da introdução de variáveis que representam os números. Uma álgebra é uma matemática abstrata que trata de símbolos, os substitutos dos números da aritmética.

Pois bem, para começar, se a língua é uma álgebra, então goza da fixidez, da precisão e da previsibilidade dos sistemas matemáticos – suas regras contêm em si todas as suas possibilidades de aplicação. Pois a álgebra é um sistema fixo de regras que se pode por em uso em diferentes situações particulares. Projetando-se este raciocínio para o campo da linguagem, a língua nos aparece também como um *cálculo*, como um sistema fixo de regras que se pode por em uso em diferentes instâncias de intercâmbio verbal. Sob esse aspecto, então, podemos dizer que a metáfora da álgebra reforça o movimento de adesão ao representacionismo, que, como vimos, tende a conceber assim a natureza da regularidade na linguagem.

Entretanto, outros aspectos dessa mesma metáfora parecem fazê-la instrumento de clara reação a essa perspectiva tradicional. Com efeito, a metáfora da álgebra é um exemplo de quão radicalmente revolucionário pode ser o pensamento de Saussure. Dois traços inter-relacionados da metáfora da álgebra parecem apontar nessa direção: em primeiro lugar, a metáfora sinaliza para a compreensão da língua como *forma e não como substância*, o que é, como vimos, um dos principais legados saussurianos na direção de uma reação ao representacionismo; em segundo lugar, ao subverter a idéia convencional da álgebra, suprimindo-lhe os termos simples, esta metáfora ressalta, em sintonia com o anti-representacionismo, o caráter, por assim dizer, “desancorado” da regularidade da linguagem. Vejamos como isso se dá.

Transpondo as características da álgebra para a língua, constatamos, como vimos, que a língua/álgebra seria uma operação matemática de regras fixas. O ponto importante aqui é que tal operação de regras fixas, no caso da álgebra, opera com variáveis. Pode-se dizer que, no caso da língua, tais variáveis seriam os signos. É importante perceber, por um lado, que a relação entre as variáveis e aquilo que elas substituem é, em certa medida, uma relação de representação. Por outro lado, as variáveis aceitam uma certa instabilidade, denotada no próprio sentido do termo, que faz com que pensemos que nelas podem estar representados, dependendo da época ou da circunstância, valores distintos. As

variáveis, portanto, são um fator na comparação que admite a mudança lingüística. Sabemos, que a teoria saussuriana entende que a língua é um conjunto de relações que se estabiliza; e que, no entanto, é passível de mudanças, o que aponta para um conjunto de relações, de certa forma, mais instável.

Bouquet (2000), em sua recente *Introdução à leitura de Saussure*, dedica um capítulo de seu livro a comentar a metáfora da álgebra. Enfatiza que esse raciocínio se aplica especialmente a dimensão semântica, que nos interessa aqui mais de perto, sugerindo que, para Saussure, *a língua, em sua face semântica, não tem nenhuma propriedade geral senão a de ser uma álgebra.*” (op.cit.:287)

Para ele, o caráter algébrico da metáfora em exame ilumina sobretudo a idéia do *valor semântico*, cuja premissa básica está, como dito acima, nas relações entre os signos, que ele denomina *princípio da opositividade*. Esse princípio diz respeito à propriedade dos signos de serem entre si “opositivos”, “diferenciais” ou “negativos”. Bouquet acrescenta ainda que a concepção da língua como álgebra não admite um ponto de partida para a língua, o que se afina, por um lado, ao conceito holístico⁷, comentado por Harris, e nega, por outro, a relação primária entre o nome e a coisa, defendida pelos nomenclaturistas. Bouquet, comenta a originalidade de tal concepção:

[...] a originalidade da concepção semântica saussuriana [...] se deve, fundamentalmente, à noção do “valor puro”, ou seja do “valor algébrico” dos significados. Aqui, reúnem-se dois valores da palavra *valor*: o valor “lexicológico” dessa palavra e seu valor “matemático”, corrente em álgebra (*valor de uma variável*). (Bouquet, 2000: 285)

Além de contribuir para ressaltar a idéia da língua como *forma*, a metáfora da álgebra tem, como já se disse, um outro aspecto importante que a associa a um movimento de reação ao representacionismo. Trata-se da *alteração* que Saussure promove no domínio fonte da metáfora: a álgebra da qual fala Saussure não possui termos simples, apenas termos complexos. O que vem a ser isso?

Em álgebra, termos simples são aqueles que não são definidos a partir de outros termos. Por exemplo, no grupo dos inteiros positivos, os termos simples são os números naturais (0,1,2,3...). Já os termos complexos são aqueles formados

⁷ Harris (1987: 220) define a teoria saussuriana como uma teoria holística, que claramente se resume na seguinte passagem do *Curso*: “O todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si.”(CLG:149-150)

indutivamente a partir dos termos simples. Na álgebra dos inteiros positivos, um termo complexo seria, por exemplo, $1 + 2$. Uma álgebra que possuísse somente termos complexos seria, pois, uma álgebra destituída de sua base.

Transpondo as características de tal álgebra sem termos simples para a língua, podemos fazer o seguinte raciocínio. Em primeiro lugar, os candidatos a termos simples da língua, o significante e o significado, não fazem parte propriamente do sistema. O signo, constituído de significante e significado, pode ser percebido como um termo não propriamente *simples*, tendo sua complexidade marcada por sua própria composição. Em segundo lugar – o que é mais importante – a metáfora “subvertida” da álgebra, auxilia Saussure a enfatizar que os signos não são átomos independentes que, valendo por si mesmos, combinam-se indutivamente para formar expressões complexas. Definem-se apenas por seu valor, que é o somatório das relações paradigmáticas e sintagmáticas que mantêm com os outros signos do sistema do qual fazem parte. Pode-se dizer, pois, que a metáfora da álgebra nos leva a pensar que as relações que constituem o sistema da língua não têm um ponto de partida único, uma base capaz de lastrear todas as relações que o constituem. O que há são apenas as relações. Novamente aqui, fica saliente a visão da língua como *forma* e não como *substância*.

A propensão não representacionista da metáfora da álgebra, nesse caso, fica especialmente clara, se contrastada à metáfora do dicionário e da gramática, que sugere justamente a idéia de um conjunto de termos simples – os itens lexicais – a servirem de *base* para todas as combinações que a gramática permite operar. Na metáfora da álgebra, encontramos, como vimos, elementos para pensar o contrário disso.

Outra metáfora importante que Saussure utiliza, para caracterizar a natureza interna da língua enquanto sistema, é a **metáfora do jogo de xadrez**. Observamos que no *Curso* Saussure se refere recorrentemente a ela. Nesta pesquisa, escolhemos apenas alguns trechos para comentar:

- (i) Uma comparação com o jogo de xadrez, fará compreendê-lo [o sistema da *langue*] melhor. Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o **externo** do **interno**; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno ao contrário é tudo quanto concerne o sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo.(CLG:31)
- (ii) § 1 Mas de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. De um lado e de outro estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sob forma natural.[...]

§ 2 Em segundo lugar, o **sistema** nunca é mais que **momentâneo**; varia de uma posição a outra. É bem verdade que os valores dependem também, e sobretudo, de uma convenção imutável: a regra do jogo, que existe antes do início da partida e persiste após cada lance. Essa regra, admitida de uma vez por todas, existe também em matéria de língua; são os princípios constantes da Semiologia.

§ 3 Finalmente, para passar de um equilíbrio a outro, ou segundo nossa terminologia – de uma **sincronia** a outra, o deslocamento de uma peça é suficiente; [...] o lance repercute sobre todo o sistema; é impossível ao jogador prever com exatidão os limites desse efeito. As mudanças de valores que disso resultem serão, conforme a ocorrência, ou nulas ou muito graves ou de importância média. Tal lance pode transtornar a partida em seu conjunto e ter conseqüências mesmo para as peças fora de cogitação no momento. Acabamos de ver que ocorre o mesmo com a língua.

§ 4 Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. [...]

§ 5 Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a intenção de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada; é espontânea e fortuitamente que suas peças se deslocam – ou melhor, se modificam.

Estes são os trechos do *Curso*, referentes à metáfora do jogo de xadrez, que julgamos muito importantes para a caracterização *interna* do conceito de língua. Para compreender esta metáfora, que, no contexto em que aparece, tem como principal função esclarecer a distinção entre sincronia e diacronia, é preciso ultrapassar esta fronteira, e abordar um conjunto de aspectos, que ela compara, centrais para a investigação do funcionamento da língua como sistema.

São muitos os aspectos comparados entre a língua e o jogo. O domínio-alvo da metáfora do jogo de xadrez, está óbvio, é a língua. O domínio fonte, o jogo de xadrez. Tomando esses domínios como base, Saussure compara desde aspectos objetivos, como a origem do jogo de xadrez com a origem de um termo da língua, a aspectos subjetivos, como a intenção do jogador de xadrez com a intenção do falante da língua. Além desses, nos trechos acima transcritos, lemos as comparações entre (a) uma partida de xadrez e o jogo da língua; (b) a posição do jogo ou estado do tabuleiro e o estado de língua; (c) o valor das peças do jogo de xadrez e o valor dos signos de um sistema lingüístico; (d) a regra imutável do jogo e os princípios constantes da Semiologia; e (e) o movimento das peças no tabuleiro e a variação sofrida por um termo da língua.

Com tantos aspectos comuns entre a língua e o xadrez, não se pode falar apenas em um problema geral para o qual a metáfora do jogo vem prestar esclarecimentos. Na verdade, esta metáfora é considerada a mais completa justamente porque abre um leque imenso de opções. Quase todos os assuntos tematizados, no *Curso*, podem ser pensados em termos de jogo.

No primeiro trecho, transcrito acima, Saussure reivindica que, para estudar a língua, tem-se que olhar para aquilo que é *interno*. Conforme aponta Harris (1988:69), a metáfora do jogo parece especialmente apta para os propósitos de Saussure nesse caso, pois, para compreendermos o funcionamento do jogo, “não há necessidade de olhar conexões com coisas estranhas ao jogo; o jogo é um sistema autocontido”.

Com efeito, para se jogar xadrez, não é preciso saber que é um jogo que se originou na Pérsia e só depois chegou à Europa. Analogamente, para instanciar a linguagem, não precisam os falantes de uma língua saber se ela é neolatina ou anglo-saxã. Fatos históricos são, portanto, fatos *externos* ao sistema, assim como os fatos de parole comentados na seção anterior.

Por outro lado, quando Saussure se refere à substituição de peças de madeira por peças de marfim, afirmando que esse fato não tem repercussão no sistema, podemos transpor esse raciocínio para o plano da linguagem, e considerar, por exemplo que, se um falante da língua portuguesa pronunciar a palavra *menino*, alteando a vogal da sílaba pré-tônica [mi'ninu], isso não terá qualquer impacto para a estrutura dessa língua. Saussure quer dizer mais uma vez com essa comparação que, para se estudar a língua, não é preciso estudar sua *substância*; o lingüista deve se ater aos fenômenos concernentes à *forma*.

O segundo trecho da metáfora do xadrez é infinitamente mais complexo e serão comentados aqui apenas alguns de seus aspectos.

Este trecho aparece no contexto em que Saussure trata dos princípios gerais da Lingüística, especificamente, no capítulo III, quando distingue a Lingüística Estática da Evolutiva, divisão correspondente à sincronia e à diacronia. O interesse dessa metáfora aqui não se limita, no entanto, a esclarecer o corte epistemológico entre sincronia e diacronia, porque ela traz, ademais, outros elementos importantes que lançam luz sobre o tópico de interesse desta seção, a dimensão da regularidade do fenômeno lingüístico.

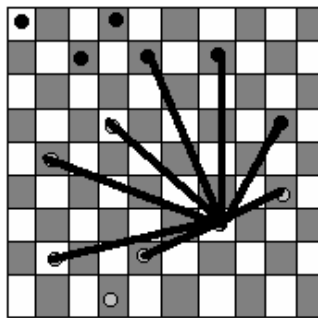
De um modo lato, nessa passagem, o domínio-fonte é uma partida de xadrez e o domínio-alvo o jogo da língua. Observe-se que, aqui, o domínio-fonte é focalizado por um ângulo sutilmente diferente daquele do primeiro trecho: enquanto, neste caso, salienta-se o jogo em curso, no primeiro trecho o xadrez é enfocado como um todo e não em uma instância particular de realização.

Ao comparar uma *partida* de xadrez com o *jogo* da língua, Saussure quer dizer que esses dois processos se submetem a uma dinâmica, desenvolvendo-se em função do tempo. Essa dinâmica segundo a doutrina saussuriana deve ser estudada em dois eixos. O eixo das sucessividades, em que os termos da língua podem ser observados numa constante mudança, porque a relação entre eles sofre periódicas adequações, deslocamentos, reestruturações, o que revela, de certa maneira, uma instabilidade nas relações; e o eixo das simultaneidades, em que se pode estudar a língua “longe” deste fluxo, observando-a em um período de estabilidade, o *estado de língua* (CLG:117-8).

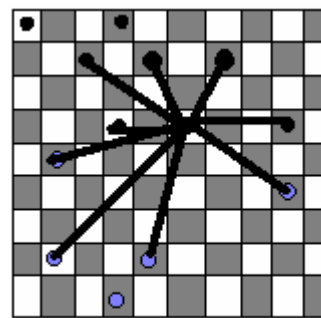
Vejamos, então, como os raciocínios sobre a partida de xadrez podem ser transpostos para o plano da língua. Já no § 1 da citação, Saussure introduz aquele que parece ser o aspecto central de seu interesse neste momento, que é a possibilidade de modificações no sistema lingüístico. Nesse sentido compara os estados do tabuleiro e da língua, salientando a questão da mutabilidade nos dois sistemas. É interessante observar que Saussure parece, aqui, desviar-nos de um raciocínio inferencial que seria bastante natural nesse caso. Se projetamos nossas experiências com jogos para o plano da linguagem, um paralelo natural que parece se insinuar é o seguinte: jogos assim como línguas sofrem modificações com a passagem do tempo. O xadrez jogado na Pérsia não é o mesmo que jogamos hoje, assim como o português que falamos hoje não é o português que se falava no século XV.

Um paralelo menos natural, entretanto, é o que parece se insinuar quando Saussure no § 1 apresenta a questão da modificação através da comparação entre o jogo de xadrez instanciado, *a partida*, e a língua em curso.

O interesse de Saussure se concentra em comparar a disposição das peças do xadrez no tabuleiro, que se altera a cada lance dos jogadores, com a disposição dos signos da língua no sistema, que se altera em função do tempo. Vamos observar os dois tabuleiros a seguir:



Tabuleiro 1:
rede de relações da peça I



Tabuleiro 2:
rede de relações da peça I,
após deslocamento

Observe-se que a rede desenhada em cima do tabuleiro, formada a partir das ligações entre as peças do xadrez, é uma rede diferente nos tabuleiros 1 e 2. Isso representa o que se deu depois de um deslocamento. Saussure quer mostrar que o deslocamento de uma peça no tabuleiro significa uma alteração nas relações entre as peças da partida de xadrez, o que, transposto para a língua, significa um rearranjo entre os signos da língua, conferindo-lhes novos valores. A comparação tenta demonstrar, portanto, que os valores em jogo são fixados pela relação com os demais valores em jogo.

No § 2, Saussure expõe mais claramente sua posição, dando ênfase ao caráter momentâneo do sistema. Esse caráter momentâneo aponta para uma concepção dinâmica da regularidade do fenômeno lingüístico. Saussure não descarta, contudo, que tanto as peças do xadrez quanto os signos da língua dependem de uma “convenção imutável”, que são as regras que subjazem à prática do jogo, e conseqüentemente, à prática da língua. Em relação à linguagem, tais regras, Saussure as denomina como “os princípios constantes da Semiologia” (CLG:104).

Desta maneira, o que essas regras subjacentes governam são os processos de alteração ou de deslocamento e o modo de relacionamento entre as peças do xadrez e os signos da língua. Em suma, podemos dizer que estas regras seriam como princípios gerais que governam o funcionamento da linguagem. A concepção de que a língua na teoria saussuriana é dependente de um princípio que regula sua prática, observada no § 2 se coaduna com o representacionismo, e conseqüentemente, com a visão de que é possível conceber universais lingüísticos.

Continuando a análise deste segundo trecho, no § 3, observamos que Saussure tematiza a repercussão do deslocamento – no tabuleiro de xadrez e no sistema lingüístico. Como vimos nos desenhos acima, a repercussão diz respeito a uma nova configuração das relações entre os constituintes da língua ou do jogo. Ao tematizar a repercussão que pode haver a cada lance do jogo de xadrez, Saussure enfatiza que o deslocamento de uma peça do xadrez assim como a mudança de valor de um termo da língua, produz um encadeamento de fatos *imprevisíveis*.

A imprevisibilidade a que se refere Saussure diz respeito, antes de mais nada, às peças “fora de cogitação”, no momento do deslocamento. Como já foi dito, o deslocamento de uma peça no tabuleiro do jogo de xadrez representa uma mudança que estabelece uma nova rede de relações. De forma esquemática, podemos representar isso da seguinte maneira: consideremos um valor x , que num dado estado de língua, estabelece uma relação de oposição com os valores y , w e z ; após sofrer um deslocamento, esse mesmo valor x , já noutra estado de língua, passa a estabelecer uma outra relação de oposição com os valores a , b e c – novos elementos que, antes do deslocamento, estavam “fora de cogitação”.

A repercussão sobre elementos “fora de cogitação” nos leva, portanto, a concluir que o deslocamento de uma peça no tabuleiro, assim como a mudança de valor de um termo da língua não são fenômenos que se esgotam em si mesmos, eles desencadeiam uma série de novas redes de relações, em geral, inusitadas.

Como, então, podemos pensar o fenômeno da regularidade lingüística? Ora, a repercussão imprevisível de que nos fala Saussure parece significar que a língua varia no curso do tempo, sinalizando também, neste ponto da metáfora do jogo, para uma compreensão de um sistema de regras de base menos estável. É como se Saussure tomasse as regras da linguagem, em cada estado de língua, como um conjunto, em certa medida, mutante e que não contém em si mesmo todas as possibilidades de aplicação. Saussure observa ainda que a língua é um conjunto de convenções modificável, não apenas pela ação do tempo, mas pela ação do tempo unida a ação da força social (CLG:92). O que Saussure sugere, portanto, o que talvez seja o seu maior legado, é que a língua, assim como os jogos, dependem das práticas humanas.

A repercussão do deslocamento das peças no tabuleiro de xadrez e no sistema da língua, entretanto, pode ser observada sob outro ângulo. Uma tentativa de compreensão mais global da teoria saussuriana pode implicar uma série de problemas em relação ao que acabamos de expor. Por limitações de tempo, não poderemos aprofundar, aqui, a discussão. Mas queremos deixar a sugestão: no *Curso*, quando Saussure tematiza a fixidez do sistema lingüístico (cf. CLG:100-11), ele indica que o sistema em si mesmo é imutável, que as mudanças se dão apenas com elementos isolados, não alterando, portanto, o equilíbrio do sistema lingüístico. Como se pode notar, a imutabilidade do sistema, igualmente

defendida por Saussure entra em confronto direto com a idéia da repercussão imprevisível sobre elementos “fora de cogitação”.

O longo trecho referente à metáfora do jogo de xadrez é finalizado com mais duas reflexões: no § 4, a metáfora sugere que, para se conhecer um estado de língua, não é necessário observar sua história ou sua *substância*; e no § 5, Saussure revela que não há correspondência lingüística para a intenção do jogador, fato admitido por Saussure como a única “falha” da metáfora do jogo de xadrez.

Harris (1987:92-3) fez uma importante análise crítica da reflexão presente no § 4. Para ele, Saussure confunde *estado do jogo* com *estado de tabuleiro*. Segundo sua opinião, para conhecer o estado do jogo, é necessário conhecer tanto as peças ausentes quanto as peças presentes no tabuleiro, porque, fora do contexto do jogo, não há estado de tabuleiro. Diferentemente de Saussure, Harris pensa que, para se poder descrever um estado do jogo, o curioso precisa conhecer a estrutura que caracteriza o desenvolvimento do jogo de xadrez. Na visão de Saussure, o curioso pode descrever perfeitamente o estado do jogo sem saber como os jogadores o conduziram até aquele ponto, assim como o lingüista pode descrever um estado de língua sem recorrer nem à história da língua nem a aspectos de sua *substância*.

No § 5, Saussure revela o único ponto que, segundo ele mesmo, a comparação entre o jogo e a língua falha. O jogador de xadrez possui a intenção de operar uma mudança no jogo, enquanto para isso não há semelhança lingüística. Harris (op.cit.:93) observa que apesar do lance do jogador de xadrez ser intencional, “um movimento no xadrez por definição altera o estado do tabuleiro”. Observamos, no entanto, que a falha, reconhecida por Saussure, se dá principalmente no que se refere à direção da mudança.

Como vimos acima, a mudança lingüística é guiada pela ação do tempo e da massa social, e neste sentido podemos dizer que as mudanças que se dão na linguagem parecem se dar de forma indireta. Por maior que seja a consciência das regras, nenhum falante pode, conforme sua intenção, operar mudança no sistema. No xadrez, a mudança é direta, o jogador efetivamente, segundo suas intenções no jogo, desloca uma peça no tabuleiro de xadrez.

Nos § 4, Saussure defende uma visão que indica uma certa adesão ao representacionismo; pois, acredita que para descrever um estado de língua não é preciso conhecer nada além do que lhe é interno, e aquilo que lhe é interno, segundo ele, é tangível, podendo ser perfeitamente descrito.

No § 5, demonstra, por outro lado, uma afinidade com a perspectiva não-representacionista da linguagem, pois afirma que a língua não premedita nada, não é guiada por qualquer “razão” anterior. Tal visão nos faz estabelecer um paralelo com o que Saussure chama de mutabilidade do sistema lingüístico: esta se dá em virtude da ação do tempo combinada com a da força social, indicando, dessa maneira, que há indícios no *Curso* que permitem um entendimento de língua como um sistema dinâmico de regras.

* * *

Passaremos, agora, a resumir e aprofundar nossas colocações sobre o modo como a análise das metáforas desta seção permitiu observar em que consiste a regularidade do fenômeno lingüístico para a teoria saussuriana.

Podemos dizer que o todo desta seção reflete um dos principais legados saussurianos, que é o deslocamento da relação linguagem e realidade para a relação linguagem e práticas humanas. Esse deslocamento é observado quando se percebe, no *Curso*, a defesa de uma posição que recomenda o estudo das relações internas da língua e o desprezo a tudo o que se refere ao que é externo, às realidades extra-lingüísticas.

Acabamos de discutir a noção de língua, a partir da divisão entre o que lhe é externo e o que lhe é interno. Primeiramente, observamos o conceito de língua da teoria saussuriana, diante da dicotomia *língua* vs. *fala*, cujo alicerce está na oposição *individual* vs. *social*. Tal distinção revela uma concepção de língua como algo que pertence a cada indivíduo e que está depositado em seus cérebros, sob a forma de um dicionário e de uma gramática. Além disso, vimos que a língua é também a soma de todos os indivíduos que a utilizam, resultando num padrão coletivo. Para confrontar essa visão de língua com as concepções representacionista e não-representacionista da linguagem e do significado lingüístico, foi fundamental observar que Saussure proclama uma identidade de elementos e de regras nos cérebros dos indivíduos.

Em segundo lugar, analisamos a metáfora da álgebra e a metáfora do jogo de xadrez. Observamos que a metáfora da álgebra aponta para uma concepção de língua um tanto distinta da anteriormente analisada. Pela metáfora da álgebra, a língua é entendida como sendo uma operação matemática regular, que não possui um ponto de partida, porque já opera com termos complexos, os signos. Essa constatação nos mostrou como, dentro de apenas uma proposição, estão contidas duas visões distintas: a que entende a linguagem como algo “matematicamente” regulado, e a que percebe que essa regularidade não é absoluta, porque se amolda à suscetibilidade de seus elementos constituintes.

A análise da metáfora do xadrez, por sua vez, fez-nos observar como funciona o sistema lingüístico internamente. Pudemos constatar que a noção de língua especializa-se, passando a ser um sistema estruturado, ao mesmo tempo dinâmico e fixo: fixo momentaneamente e dinâmico em função do deslocamento de suas peças, que ocorre pela ação do tempo e da força social. Vimos também, que, subjacente ao sistema da língua saussuriana, existem princípios gerais que governam seu funcionamento.

O que se mostrou nesta análise bastante interessante foi a convivência de duas modelos distintos para compreender a linguagem, que foram ambos defendidos por Wittgenstein, nos dois “momentos” de sua filosofia. Trata-se do modelo da linguagem como *cálculo*, afinado com uma visão representacionista, e do modelos da linguagem como *jogo*, uma reação à visão representacionista. A oscilação entre esses modelos estão, a nosso ver, amplamente representadas, sobretudo na tensão, constante na teoria saussuriana, entre a dinamicidade e a fixidez do sistema lingüístico.

A tensão observada entre a noção da língua como um cálculo de regras fixas e da língua como um jogo nos indica que, dentro da teoria saussuriana, há a presença não só daquilo que veio posteriormente a ser denominado o estruturalismo, mas também a presença de uma concepção oposta de linguagem, em harmonia com a reação não-representacionista de Wittgenstein.

Segundo Glock (1997:225), a concepção wittgensteiniana da linguagem como um cálculo de regras fixas, operado na mente dos indivíduos, é substituída, pouco a pouco, em sua filosofia, por sua concepção da linguagem como jogo. Na seguinte passagem, Glock demonstra quais são os pontos de partida para as metáforas da linguagem como cálculo e como jogo:

O ponto de partida para ambas as analogias, a do cálculo e a do jogo, é que a linguagem é uma atividade guiada por regras (a) assim como um jogo a linguagem possui regras constitutivas, as regras da gramática. (...) as regras gramaticais não determinam que lance/proferimento terá êxito, mas sim aquilo que é correto ou faz sentido, definindo dessa forma, o jogo/linguagem. (b) o significado de uma palavra não é um objeto do qual ela é um sucedâneo, sendo antes determinado pelas regras que governam seu funcionamento.

A tensão que percebemos está, portanto, no fato de que a visão da linguagem como jogo considera a mudança lingüística, fato que é, como vimos, reconhecido por Saussure. Por outro lado, o próprio Saussure passa a defender a fixação do sistema sincrônico, porque, em seu entendimento, essa é a condição para se estudar a linguagem. Mais interessante, ainda, é que a metáfora do jogo de xadrez permite tanto a demonstração da linguagem como um sistema de regras fixas, quanto da linguagem em constante variação, o que é ilustrado pelo deslocamento das peças no tabuleiro do jogo de xadrez.

A análise das metáforas desta seção, de fato, mostra que há indícios de uma visão que pode se aproximar da visão wittgensteiniana das *Investigações Filosóficas*. Contudo, extraímos da análise um maior número de indícios relacionados a uma visão representacionista – à concepção de linguagem como cálculo.

Chegamos à conclusão de que os indícios da presença de uma visão representacionista na concepção de língua do *Curso* estão no conceito de língua como um sistema ordenado e imutável e na afirmação de que tal sistema é regido por princípios que regulam todos os sistemas semióticos, incluindo a linguagem. Esses princípios são os universais lingüísticos, cuja captura é, como vimos, o objetivo maior dos projetos essencialistas. Chegar a essas essências é, portanto, chegar a conhecer a verdade, isto é, no caso da linguagem os verdadeiros mecanismos envolvidos na operação das línguas.

O universalismo e o essencialismo de que falávamos acima andam juntos na história do pensamento e constituem uma herança recebida por Saussure de uma forte tradição que o antecedeu. Para Rorty (1994:4), tais características numa abordagem científica significam a presença de uma visão representacionista.

Em relação à presença de indícios que se afinam ao entendimento da linguagem como cálculo, podemos dizer que eles estão (i) na compreensão de que

o processo psíquico da linguagem, ao ser ativado, inicia a operação de um cálculo de acordo com regras exatas, que possui uma correspondência inversa no cérebro do interlocutor; (ii) na concepção saussuriana de gramática, “uma faculdade de associação e de coordenação que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que desempenha o papel principal na organização da língua enquanto sistema.” (CLG:21); e na (iii) idéia de que a língua é uma álgebra, afinada com a visão da linguagem como cálculo.

Glock (1997:64) afirma que, para o modelo do cálculo, a “gramática não é um mecanismo causal. As regras de um cálculo especificam não o resultado provável do emprego de uma palavra, mas sim que tipo de operação foi realizada.” A teoria lingüística saussuriana também se afina com essa proposição, já que faz uma crítica à perspectiva de estudos lingüísticos, defendendo que os lingüistas devem depreender as regras de uma língua a partir da análise de um estado de língua.

É portanto a concepção saussuriana de um sistema de regras imutável a que se aproxima mais da concepção da linguagem como cálculo. Diz Harris, que o cálculo está na origem da metáfora do jogo de Wittgenstein, porque ele teria “tomado emprestada a analogia do jogo de trabalhos anteriores sobre a filosofia da matemática”; mas, ressalta Harris, Wittgenstein passa a usar tal analogia numa variedade de caminhos originais. (Harris, 1988:25-6)

Observamos, como se disse, a presença de uma visão não-representacionista da linguagem, o que, portanto, se alinha à compreensão de linguagem como um jogo, do segundo Wittgenstein. No *Curso*, o sistema de regras imutável, do qual falávamos, é confrontado com a visão de Saussure que diz que um estado de língua, esse mesmo sistema de regras imutáveis, acomoda mudanças.

A mudança acomodada na teoria saussuriana chega a nos indicar uma postura retalhista. Ora, já que Saussure reconhece a mudança, além da diferença entre as línguas, é fácil que ele concorde que toda verdade é limitada, sendo, portanto, contingente. Esse limite do alcance da verdade, como diz Rorty (1994), faz parte de um processo de construção do sentido/significado lingüístico “multireferencial ou híbrido”.

Quando Saussure aceita a mudança, ele joga fora de sua teoria a relação linguagem-realidade para abrigar a relação linguagem-homem. De acordo com

Harris, a mudança de relação empreendida pela teoria saussuriana é a mudança radical de perspectiva sobre a linguagem, porque substitui a visão nomenclaturista por uma que coloca o usuário da linguagem, o falante, como o jogador do jogo. Essa substituição também se reflete na filosofia wittgensteiniana, que diz que falar uma língua é executar uma atividade, da mesma forma que jogar xadrez. O ponto de convergência entre a noção do sistema lingüístico saussuriano e a metáfora do jogo está na aceitação de que as regras da linguagem mudam assim como as regras do jogo também mudam. Harris explica da seguinte maneira: “se os componentes e as regras são diferentes, nós estamos jogando um jogo diferente, muito embora ambos possam possuir o mesmo nome.” Harris concorda que o corte transversal da linguagem, o estado de língua, faz sentido de ser defendido porque se todas as regras de todos os jogos se juntam para regular apenas um jogo, o resultado é um jogo de regras impossíveis, porque provavelmente se negarão mutuamente. Para estudar a linguagem, há de se proceder da mesma maneira, separando as regras de cada sistema observado. (Harris, 1988:69)

A metáfora da álgebra se revela também bastante próxima da noção da linguagem como jogo. A álgebra, como vimos, é um cálculo matemático, mas a álgebra de Saussure não possui termos simples. Como é um cálculo que opera apenas com termos complexos, perde-se dessa forma qualquer vínculo entre a linguagem e o mundo, sinalizando para uma concepção de língua e de significado não representacionista.

A complexidade dos termos da álgebra saussuriana, vimos, refere-se ao signo lingüístico, à junção de um significante e um significado, compreendido dentro de uma rede de relações, cuja função é ser exatamente aquilo que os outros signos não são. Neste sentido pode-se dizer que a metáfora da álgebra traz a noção de significado lingüístico bastante aproximada da noção de significado para Wittgenstein. Nas palavras de Glock:

“O significado de uma palavra é o lugar que ela ocupa nesse simbolismo; é determinado por regras que estabelecem seu uso correto, da mesma forma compreender uma sentença é vê-la como parte de um sistema sem o qual ela estaria morta O papel de uma sentença no cálculo é o seu sentido.” (Glock, 1997:64)

O simbolismo de que fala o trecho acima seria o cálculo algébrico que opera com variáveis, e o seu sentido seria o papel que desempenha nesse cálculo

que é a álgebra. É importante dizer que o termo *cálculo*, na passagem acima, pode ser trocado sem prejuízos pelo termo *jogo*. Isso quer dizer que para a visão da linguagem como jogo é fundamental a observação de que o “significado de um signo matemático, assim como o de uma peça de xadrez, é a soma das regras que determinam os seus lances possíveis” (Glock,1997:225).

Para concluir, queremos dizer que a tensão que percebemos dentro da teoria saussuriana, entre as visões de sistema fixo de regras e de sistema dinâmico de regras, está, justamente, no fato de que, no primeiro, o significado das palavras está em função da rede de relações estabelecida no interior deste sistema, enquanto que, no último, o significado está em constante mudança em função da passagem do tempo – como bem sintetiza Wittgenstein: “as palavras só possuem significado no fluxo da vida” (*apud* Glock, 1997: 229).

O tópico do valor, central na teoria saussuriana, será analisado na seção que se segue.

3.4 Constituição, identidade e valor do signo lingüístico

Esta seção terá como fio condutor o debate acerca da constituição, da identidade e do valor do signo lingüístico. O valor do signo lingüístico é, como já se disse, a noção fundamental para se entender a teoria saussuriana. Nas seções precedentes, tivemos oportunidade de abordá-la preliminarmente, em conexão com outros temas do *Curso*, que, de uma forma ou de outra, acabavam sempre remetendo-se ao tema do valor. Para iniciar o tratamento mais específico desse tema, que culminará, nesta seção como nas anteriores, na demonstração da presença de uma tensão entre duas visões distintas de linguagem e significado, escolhemos as seguintes metáforas:

1. Metáfora do casamento
2. Metáfora da carta forçada
3. Metáfora da folha de papel
4. Metáfora do ser humano
5. Metáfora da composição química
6. Metáfora do expresso
7. Metáfora da rua
8. Metáfora do traje
9. Metáfora do jogo de xadrez
10. Metáfora do sistema de valores

Observamos aqui, como na seção precedente, que essas metáforas poderiam ser divididas em grupos, conforme os tópicos distintos que vêm elucidar. Assim, para ficar mais clara a exposição, dividimos esta seção em três partes, correspondentes aos núcleos temáticos discernidos. Em primeiro lugar, vamos tratar da *constituição do signo*, analisando, para isso, as metáforas de 1 a 5 acima; em segundo lugar, abordaremos a questão da sua *identidade*, enfocando as metáforas de 6 a 8; por último, discutiremos as metáforas 9 e 10, que dizem respeito mais explícita e diretamente à noção de *valor*.

3.4.1 A constituição do signo saussuriano

Em sua discussão sobre natureza do signo lingüístico, a alternativa que Saussure oferece em substituição à visão nomenclaturista que, como vimos, ele trata de descartar, envolve os seguintes pontos centrais: (i) a linguagem, à medida que proporciona a existência de seus constituintes, atribuindo-lhes valor, é constituída, por sua vez, pelos próprios constituintes; (ii) o signo é de natureza psíquica e (iii) não possui conexão alguma com entidades exteriores à linguagem.

A diferença da concepção de signo da Lingüística saussuriana, em relação à Lingüística “nomenclaturista” do século XIX, liga-se centralmente à visão de que o signo, como nos diz Saussure, “une não uma coisa e uma palavra, e sim um conceito e uma imagem acústica”. (CLG:80)

O primeiro ponto a salientar quanto à caracterização saussuriana da constituição do signo lingüístico é que ela evidencia de forma contundente a hipótese central deste trabalho: Saussure rejeita o representacionismo, mas – conforme afirma Harris – não *in toto*. Por um lado nega com veemência a tese representacionista de que a linguagem é um sistema de representação de algo que lhe é exterior; mas, por outro, deixa intocado o pressuposto, caro a esta perspectiva, de que a expressão lingüística tem um caráter bipartido. Mantém-se em Saussure, como já tivemos oportunidade de observar, a idéia representacionista de que a imagem acústica mantém com o conceito uma relação de representação.

Mas o que são exatamente esse conceito e essa imagem acústica? Saussure não oferece propriamente uma resposta a essa questão. Limita-se a defender uma nova terminologia, para dar uma maior clareza aos conceitos da “nova” teoria lingüística. A opção de Saussure, como é amplamente conhecida, recaiu sobre os termos *significante*, substituindo imagem acústica, e *significado*, substituindo conceito. Da união desses dois resulta o *signo*, que continua a assim ser chamado, não porque seja este termo adequado, mas porque o francês do início do século XX, não lhe sugeriu qualquer outro (cf. CLG: 81).

O signo é, para Saussure, uma realidade psíquica: com efeito, para o autor, “tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas” (CLG:14). Na condição de realidades psíquicas, os signos poderiam

em princípio constituir objeto da Psicologia. Defende, no entanto, Saussure, como vimos, um terreno próprio para a Lingüística. Neste terreno, o signo aparece como amálgama indissolúvel entre significante e significado.

Sob esse ângulo, o significado, tópico que nos interessa mais de perto aqui, só pode ser entendido como a contraparte do significante. Somente fora desta relação é que o assunto *significado* pertence à Psicologia, como demonstra a seguinte passagem:

Conceitos como “casa”, “branco”, “ver” etc., considerados em si mesmos, pertencem à Psicologia; eles só se tornam entidades lingüísticas pela associação com imagem acústicas; na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito. (CLG:119)

É interessante observar, nesse trecho, que Saussure parece admitir a possibilidade de conceitos “anteriores” ou “autônomos” em relação à linguagem, tese que, como vimos na seção 3.2, ele trata de combater em inúmeras outras passagens do *Curso*. Seja como for, o tratamento do significado isolado do sistema lingüístico, para Saussure, configuraria uma abstração, e como já se disse, Saussure a todo momento se nega a tratar com abstrações (cf. Gadet, 1987:79).

O significante, por sua vez, é tratado, no *Curso*, como a impressão psíquica de um som vinculada ao significado, com o qual constitui o signo lingüístico.

É o *signo*, pois, que passa a ser o centro dos estudos da Lingüística saussuriana. Suas características básicas transformam-se nos princípios de seu próprio estudo: a arbitrariedade e o caráter linear. Enfocaremos aqui apenas o princípio da arbitrariedade, pela sua relação mais direta com o tema deste estudo.

A arbitrariedade do signo, princípio, que, para Saussure, “não é contestado por ninguém” (CLG:82), corresponde à propriedade de a associação entre um significado e um significante repousar numa convenção. Dessas associações é feita a língua, e, como elas são arbitrarias, “o significante é imotivado [...] em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”(CLG:83).

A língua da teoria saussuriana se constitui, com efeito, num sistema de signos imotivados. Para ressaltar o caráter arbitrário do signo, Saussure lança mão de uma metáfora, destinada a confrontar a língua enquanto sistema de signos

imotivados com aquilo que poderia ser considerado um sistema de símbolos motivados. Trata-se da **metáfora do casamento**, que comparece na seguinte passagem do *Curso*, em capítulo dedicado ao tema da imutabilidade e mutabilidade do signo:

Pode-se por exemplo discutir se a forma monogâmica do casamento é mais razoável do que a forma poligâmica e fazer valer razões para uma e outra. Poder-se-ia discutir um sistema de símbolos, pois que o símbolo tem uma relação racional com o significado; mas para a língua, sistema de signos arbitrários, falta essa base, e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão. (CLG:87)

Com a metáfora do casamento, Saussure demonstra rejeitar qualquer tipo de simbolismo para a linguagem. Segundo sua visão, o símbolo possui um vínculo natural com aquilo que representa, o que não acontece com os signos lingüísticos. Ao lançar mão da metáfora do casamento, Saussure o faz de forma negativa: indica que o domínio fonte – a instituição do casamento – *não* se projeta para o domínio alvo – a instituição da linguagem. Ao contrário do casamento, os signos da linguagem, que correspondem à junção de significantes e significados, não têm qualquer base racional. Só podem ser tomados dentro do sistema da *langue*. Fora desse sistema, seus elementos constituintes são abstrações, que não fazem parte do fenômeno lingüístico.

Não sendo balizadas por qualquer princípio racional, as articulações entre significantes e significados não são, no entanto, como Saussure insiste, *livres*. Trata-se de uma espécie de *herança compulsória*, recebida por uma comunidade lingüística, que não tem como modificá-la. Saussure resume essa característica, na **metáfora da carta forçada** :

Se com relação à idéia de que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade lingüística que o emprega, não é livre: é imposto. Nunca se consulta a massa social, nem o significante poderia ser substituído por outro. Este fato, que parece encerrar uma contradição” poderia ser chamado familiarmente de “*a carta forçada*”. “Diz-se à língua: Escolhe!”, mas acrescenta-se: “O signo é este e não outro.” (CLG:85 grifos nossos)

Saussure parece, neste caso, como no da álgebra, promover em sua metáfora uma alteração no domínio fonte. Somos convidados pela metáfora a projetar raciocínio sobre contratos para o plano da linguagem; no caso dos

contratos, cabe-nos escolher aquele que nos será mais conveniente. A linguagem seria como um contrato, de um tipo que não se pode concordar ou discordar, é, por assim, dizer compulsório. Por não ser baseada em qualquer princípio racional, a língua não é alterável.

Aqui é interessante observar que a ênfase na idéia de que os signos da linguagem não se fundam em qualquer racionalidade exterior apresenta nítida convergência com o pensamento anti-representacionista de Wittgenstein, o que se pode constatar comparando-se a argumentação saussuriana à seguinte passagem de *Sobre a Certeza* (§559):

Você deve ter em atenção que o jogo da linguagem é, por assim dizer, imprevisível. Quero dizer: não se baseia em fundamentos. Não é razoável (ou irrazoável).

Está aí – tal como a nossa vida.

Além de enfatizar o caráter arbitrário do signo, sua ausência de fundamento, as metáforas do *Curso* vêm também em auxílio de Saussure na explicação de outro ponto relacionado, muito importante para compreendermos a constituição do signo saussuriano: a indissociabilidade entre significante e significado.

Significante e o significado são, como se sabe, as duas faces do signo, o que confirma a visão de Saussure de que o “fenômeno lingüístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (CLG: 15). Como veremos a seguir, a tentativa de precisar o que são exatamente essas duas faces do signo foram ilustradas, no *Curso*, por diferentes metáforas, das quais a mais conhecida é a **metáfora da folha de papel**, que apresentamos a seguir em conjunto com outras, igualmente relevantes mas não tão citadas: a **metáfora da composição química** e a **metáfora do ser humano**. A leitura dos seguintes trechos permitirá examiná-las:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso: não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura. (CLG:131)

Comparou-se amiúde essa unidade de duas faces com a unidade da pessoa humana, composta de alma e corpo. A comparação é pouco satisfatória. (CLG:120)

Poder-se-ia pensar com mais propriedade numa composição química, a água por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e de oxigênio, tomados separadamente nenhum desses elementos tem as propriedades da água. (CLG:120)

Vamos analisar as três metáforas, acima transcritas, com vistas à compreensão da perspectiva saussuriana sobre o grau de solidariedade que une as partes do signo. No *Curso*, a metáfora do ser humano e da composição química estão no capítulo II da Segunda Parte, que trata das entidades concretas da língua. Já a metáfora da folha de papel está no capítulo IV desta mesma parte, em que se trata do valor lingüístico.

No capítulo II, em que se encontram as metáforas do ser humano e da composição química, Saussure relembra as principais características dos signos lingüísticos e ressalta que não são abstrações, mas antes objetos reais. O leitor também é lembrado de que o signo lingüístico existe somente em virtude da associação entre significante e significado. Conseqüentemente, o lingüista não pode tentar proceder à análise separada de sons e significados. Para tentar mostrar a união inseparável das duas faces do signo é que Saussure introduz primeiramente a metáfora do ser humano, desmerecendo-a, logo em seguida, em benefício de uma metáfora, a seu ver, mais adequada, a da composição química. Quais são as razões desta preferência e deste rechaço? E por que a metáfora da folha de papel, que é apresentada posteriormente, no contexto do valor lingüístico tornou-se a mais lembrada do *Curso*? As respostas a essas perguntas é do que trataremos a seguir, por meio de uma explicitação de algumas conseqüências inferenciais das projeções dos domínios fonte para os domínios alvo em cada caso:

Em cada domínio experiencial concreto que Saussure utiliza como fonte para suas metáforas nesse contexto, percebe-se a presença de duas faces. Os aspectos comparados são as faces da pessoa, que seriam a alma e o corpo; da composição química da água, o hidrogênio e o oxigênio; e da folha de papel, o verso e o anverso. Cada uma dessas faces corresponderia ao significante e significado do signo lingüístico. A questão, no entanto, não é somente se cada um

desses domínios é composto de duas faces ou não, mas até que ponto cada um desses pares de faces carregam em si as propriedades fundamentais que Saussure deseja atribuir ao signo lingüístico, domínio-alvo de sua metáfora: (a) a interdependência, (b) a indissociabilidade e (c) o caráter holístico. Pode-se dizer que tais propriedades encontram-se implicitamente resumidas na seguinte frase retirada do *Curso*: “o todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo” (CLG:148-9). Vejamos como.

As metáforas do ser humano e da composição química são exemplos trazidos para o texto do *Curso de Lingüística Geral* na tentativa de equiparar a entidade concreta da *langue*, o signo, com uma entidade concreta do mundo, ou melhor uma entidade extra-lingüística. Saussure afirma de saída que a metáfora do ser humano não é satisfatória, apresentando em seguida a metáfora da composição química, julgada satisfatória. Interessante observar que, neste capítulo, não é apresentada a razão pela qual ele julgou insatisfatória a comparação com a pessoa. Pode-se, contudo, inferir o motivo da insatisfação, pelo motivo explicitado para a preferência da metáfora da composição química. Saussure diz que “tomados separadamente, nenhum desses elementos, (o hidrogênio e o oxigênio), tem as propriedades da água” (CLG:120).

Por que a comparação com a composição química é mais interessante que a comparação com a pessoa? Ora, assim como o signo só toma forma a partir da união de um significante e de um significado, a molécula da água, da mesma maneira, só se forma com a junção de dois elementos de hidrogênio e um de oxigênio. A realidade da água depende da união desses dois elementos, numa certa ordem, assim como a realidade do signo só se dá na junção de seus dois constituintes, ou seja, o hidrogênio ou o oxigênio isolados não formam a água e o significante e o significados tomados isoladamente não representam o signo.

Saussure quer recorrentemente enfatizar a idéia de que o signo do sistema lingüístico sincrônico é o amálgama de significante e significado, e que o analista não pode tomar um pelo outro na delimitação das unidades lingüísticas. A metáfora do ser humano é fraca para exemplificar esse caráter indissociável, porque se pode conceber uma pessoa apenas com corpo e sem alma: um morto, por exemplo. A relação entre corpo e alma é uma questão amplamente debatida, e não será desenvolvida profundamente aqui, porque tampouco é profícua. Saber se os seres humanos são dotados de corpo e alma é uma questão metafísica que foge

ao escopo deste trabalho. Mas, para esta investigação, pode-se imaginar o que motivou Saussure a rejeitá-la. Ninguém em um velório ousaria dizer que o corpo em um caixão não é um corpo de uma pessoa, nem que é o corpo do que foi uma pessoa e que já não é mais. Em nossa cultura de preceitos católicos, entende-se, além disso, que a alma pode sobreviver à morte do corpo. É perfeitamente possível, pois, pensar em corpo sem alma e em alma sem corpo.

O motivo que leva Saussure a pensar realmente que a metáfora da pessoa não é convincente está justamente neste ponto: o corpo sem alma e a alma sem corpo, ambos são ainda considerados, em algum sentido, pessoas. Essa possibilidade de dissociação é, como já ficou claro acima, justamente o que a teoria saussuriana do signo quer evitar. O que Saussure deseja enfatizar é que a língua é um acontecimento dependente da união de dois domínios – domínios que antes de se juntarem não possuíam uma estrutura⁸.

Em relação à composição química, algumas particularidades ainda merecem ser comentadas. É certo que a água é apenas a junção de hidrogênio e oxigênio, mas, diferentemente do signo lingüístico, pode-se ter os elementos que a compõem isoladamente, conservadas suas propriedades concretas. Pode-se observar, então, que a metáfora da química projeta-se apenas parcialmente na explicação do fenômeno do signo. Pois, no caso do signo, nega-se autonomia das partes anteriormente à sua junção em um todo. O hidrogênio e o oxigênio existem por si sós na natureza, não dependem um do outro para existir e também se combinam com outros elementos químicos, formando outros tipos de compostos. Nada de semelhante ocorre com conceitos e imagens acústicas, o que revela que, neste aspecto, a comparação com a composição química da água tampouco é frutífera. Além disso a água é, ademais da união de dois elementos, a união de *três* átomos: dois hidrogênios e um oxigênio.

Tomando um caminho semelhante, mas mais profundo, Saussure recorre à metáfora da folha de papel, que ressalta não apenas a indissociabilidade entre significante e significado, mas também um outro ponto muito importante em sua teoria que é a idéia de valor lingüístico. É justamente no capítulo sobre o valor que essa metáfora aparece. Ela serve de termo de comparação, como vimos na seção 3.2, para a junção da massa amorfa do pensamento e da matéria plástica do

⁸ Tratamos deste tema na seção 3.2

som. Essa metáfora é com efeito a que melhor representa a indissociabilidade dos constituintes de que é feita a língua, demonstrando-se superior tanto à da pessoa quanto à da química. De fato, assim como não se tem apenas o verso ou o anverso de uma folha de papel, não se tem apenas o significante ou o significado do signo.

Mas outro ponto importante a ressaltar é que essa unidade, uma vez formada, é opositiva e relativa dentro de um sistema lingüístico. A metáfora da folha de papel não pode ilustrar esse tipo de desdobramento. Não podemos imaginar um sistema das folhas de papel, no qual cada uma se diferenciaria da outra numa relação de oposição. Contudo, a importância desta metáfora para o *Curso* reside justamente no fato de ela trazer uma discussão muito cara a Saussure, que é ver a linguagem não como um instrumento do pensamento, mas como a condição imprescindível para que este exista. Antes da linguagem o pensamento é uma massa amorfa.

Pode-se dizer, nesse sentido, que a *langue*, tomada como um todo, generaliza a propriedade que tem o signo de constituir um vínculo tão indissolúvel entre significante e significado quanto aquele que há entre o verso e o anverso de uma folha de papel. Essa generalização corresponde à tese de Saussure de que o pensamento é indissociável da linguagem. No contexto da argumentação clara e contundente de Saussure, isso pode parecer simples, mas combater toda uma tradição lingüística que normalmente observava a linguagem na sua função de representar entidades exteriores à linguagem, não é de modo algum uma tarefa trivial.

Por que, então, a metáfora da folha de papel é a que melhor representa a indissociabilidade dos constituintes do signo lingüístico e da *langue*?

Porque apenas a folha de papel reúne em si as três características do signo: a indissociabilidade, a interdependência, e o caráter holístico. A *langue* e o signo lingüístico são constituídos da união de dois domínios, união que produz uma estrutura estável e tangível. A folha de papel, à semelhança da *langue* e do signo, está constituída de duas faces indissociáveis, interdependentes e complementares.

A tese da indissociabilidade da linguagem e do pensamento, que é mais visivelmente presente na metáfora da folha de papel, foi outrora aproximada à hipótese de Sapir-Whorf (*apud* De Mauro, 1972:463), segundo a qual o pensamento não tem existência autônoma fora da linguagem, o que tem como conseqüências óbvias as teses da diferença essencial entre as línguas e da

diferença de pensamento de um povo a outro. Para De Mauro, é improvável que dois povos tenham pensamentos diferentes; por essa razão, afirma ele, no *Curso*, Saussure não quer se comprometer com esse tipo de consequência, contentando-se tão somente “em dizer que o pensamento é lingüisticamente amorfo fora da língua”. De Mauro (1972:463) apresenta uma ressalva em relação à tese da indissociabilidade:

Saussure, da mesma maneira que não nega que exista uma fonação independente das línguas (ao contrário, ele defende direitos autônomos para uma ciência da fonação), não nega que existe um mundo das percepções, das idealizações, etc., independentemente das línguas e que a psicologia pode estudar: neste ponto há uma diferença evidente em relação às teses de Whorf.

A interpretação de De Mauro quanto ao grau de relativismo da tese saussuriana acerca da relação entre linguagem e pensamento é aberta à discussão. Ela demonstra, no entanto, que, no mínimo, há no *Curso* a convivência de dois movimentos diferentes: um no sentido de negar a autonomia do pensamento em relação à linguagem e outro no sentido de admitir essa autonomia em algum grau. Saussure, por vezes, demonstra, de fato, concordar que existe um processo mental anterior à linguagem (cf. CLG:119). Entretanto, diz claramente que não é a Lingüística que deve se ocupar de estudar tal processo, que segundo ele é uma abstração. Tudo o que se refere aos conceitos de idéia, pensamento, conceito, significado – isolados do signo – pertencem a um domínio que escapa à visão do lingüista, que, para Saussure, deve tratar de questões especificamente lingüísticas, ou seja, que possuam implicações para a estrutura da *langue*.

Nesta seção vimos que o signo saussuriano é constituído de duas partes, o significante e o significado. Essa unidade bipartida, para Saussure, só pode ser compreendida como um constituinte interno da *langue*, em suas características fundamentais que, conforme apresentamos, são a indissociabilidade, a interdependência e o caráter holístico. Ademais, o signo da teoria lingüística de Saussure, é assim como a *langue*, recebido pela comunidade lingüística como uma espécie de contrato compulsório. Desta maneira, pudemos observar que Saussure rejeita apenas um tipo de representacionismo, já que não descorda da compreensão do signo como uma unidade formada a partir de duas entidades anteriores à formação da linguagem.

3.4.2 A identidade do signo lingüístico

As **metáforas do expresso, da rua e do traje**, relevantes para o tema da identidade do signo lingüístico, serão aqui analisadas conjuntamente, assim como são apresentadas no *Curso*. Saussure as escolhe para ilustrar e esclarecer o que entende por identidade lingüística, num capítulo inteiramente dedicado ao exame mais aprofundado dos problemas oriundos do método de delimitação das entidades concretas da língua, discussão que vem se desenvolvendo desde o início da segunda parte do *Curso*, dedicada à Lingüística Sincrônica. As três metáforas em questão podem ser depreendidas das seguintes passagens:

Assim, falamos de identidade a propósito de dois expressos “Genebra-Paris, 8h 45 da noite”, que partem com vinte e quatro horas de intervalo. Aos nossos olhos, é o mesmo expresso, e no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente. [...] o que faz o expresso é a hora de sua partida, seu itinerário e em geral todas as circunstâncias que o distinguem dos outros expressos. (CLG:126)

Ou então, quando uma rua é arrasada e depois reconstruída, dizemos que é a mesma rua, embora materialmente nada subsista da antiga. Por que se pode reconstruir uma rua de cima a baixo sem que ela deixe de ser a mesma rua? Porque a entidade que constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional, por exemplo, sua situação relativamente às outras. (CLG:126)

Oponhamos aos casos precedentes, o caso – assaz diferente – de um traje que me tivesse sido roubado e que eu reencontro na loja de um adeleiro. Trata-se de uma entidade material, que reside unicamente na substância inerte, o pano, o forro, os aviamentos etc. Um outro traje, por parecido que seja ao primeiro, não será o meu. Mas a identidade lingüística não é a do traje, é a do expresso e da rua. (CLG:126)

No capítulo III onde se encontram as referidas metáforas, os escritos do *Curso* se propõem a responder a três perguntas: o que é *identidade* sincrônica?; o que é *realidade* sincrônica?; o que é *valor* sincrônico? Para Saussure, a questão da identificação das unidades lingüísticas é muito importante, justamente porque é condição *sine qua non* para se fazer Lingüística Sincrônica. Harris (1987: 114) reafirma esta idéia dizendo que a identificação das unidades não é “uma questão

metodológica menor”, pois “os conceitos fundamentais da lingüística estática estão baseados no conceito de unidade lingüística.”

O que Saussure está comparando nestas metáforas é justamente a identidade de uma palavra com a identidade de um trem, de uma rua e de um traje. Depois de ter negado que a identidade da palavra é estabelecida entre um referente extra-lingüístico e sua manifestação lingüística, no estilo dos nomenclaturistas – de ter rechaçado a tese de que “as palavras são os nomes das coisas” –, Saussure se incumbe de uma tarefa bastante complicada que é, então, a explicação de como vem a ser construída a identidade lingüística.

As questões que se colocam, mais precisamente, diante das metáforas do trem, da rua e do traje são de dois tipos: o primeiro é a resposta que Saussure precisa prover sobre o que é o significado de uma palavra, já que foi negada sua correspondência com uma coisa ou um estado de coisas do mundo; e o segundo é a demonstração de como se distingue a ocorrência de um mesmo signo lingüístico da de outros signos lingüísticos.

Antes de apresentar estas metáforas, Saussure neste mesmo capítulo, apresenta um exemplo lingüístico – este termo aqui é empregado em oposição às metáforas, que, como diz Saussure, são exemplos trazidos de fora da linguagem. Refere-se à fala de um conferencista, que repetidas vezes pronuncia, em seu discurso, o vocativo *Senhores!*. Para qualquer falante da língua portuguesa, que ouve a repetição da expressão *Senhores!* não haveria dificuldade em responder quantas vezes esse termo foi repetido pelo conferencista. Isso se dá porque existe um forte sentimento de identidade, que faz com que se reconheça a ocorrência de uma mesma palavra. No entanto, alerta Saussure, esse falante também pode reconhecer que, em cada uma das vezes em que essa palavra foi repetida, houve variações de ordem fonética - entonação, duração, ênfase - e, de ordem semântica, talvez neste caso mais dificilmente percebidas - acarretadas, sobretudo, pelas diferenças fonéticas. O que quer deixar bem claro Saussure é que, a despeito de qualquer sentimento individual, em cada uma das ocorrências desta palavra, não foram idênticos nem a pronúncia nem seu conteúdo semântico.

Em paralelo com esse exemplo, entram, como já foi dito acima, o que ele chama de exemplos trazidos de fora da linguagem. Os exemplos são as metáforas do trem, da rua e do traje. Essas metáforas são trazidas para o texto do *Curso* com o objetivo, portanto, de lançar luz sobre o problema da identidade das unidades

lingüísticas, já colocado antes através do exemplo da repetição da expressão *Senhores!*.

A **metáfora do trem** compara a identidade de uma palavra com a de um expresso que sai todos os dias no mesmo horário, cumprindo o mesmo itinerário. A projeção metafórica que Saussure nos convida a realizar envolve perceber que, assim como, em cada saída de um ‘Genebra-Paris, 8h 45 da noite’ há mudanças de passageiros, de locomotiva ou de vagões, também em cada ocorrência de uma palavra (ex. *Senhores!*), há “diferenças assaz apreciáveis”, do ponto de vista semântico e fonético. No entanto, nos dois casos persiste um sentimento de identidade, “um sentimento de que se trata sempre da mesma expressão” ou do mesmo expresso.

Não é, portanto, como bem esclarece Saussure, a repetição da idéia e da pronúncia, no caso de *Senhores!*, nem a repetição da locomotiva, dos vagões e do pessoal, no caso do trem, o que funda a identidade nestes exemplos. O que Saussure mostra com a metáfora do trem é o que, no capítulo “O Valor Lingüístico”, será resumido numa frase que, já citada aqui anteriormente, agora aparece sob uma luz especialmente clara: “*a língua é uma forma, não uma substância.*”

A identidade do trem e de *Senhores!* não é sua substância, ou seja, a matéria da qual se compõem essas entidades; reside antes no que poderíamos denominar *as mesmas condições de realização*. São as condições de realização o que reivindica Saussure como aquilo que nos dá um sentimento de que é sempre a mesma palavra que está sendo pronunciada, assim como é o mesmo expresso que sai todos os dias. As condições de realização de uma unidade lingüística devem ser as mesmas em todas as ocasiões de seu uso para que possa ser identificada como tal. No caso da metáfora do trem, “a hora de sua partida, seu itinerário e em geral todas as circunstâncias que o distinguem dos outros expressos” são as condições de realização que nos transmitem o sentimento de identidade, enquanto que, para a expressão *Senhores!*, é aquilo que distingue esta expressão das outras no conjunto total da *langue*, ou seja, a permanência das mesmas condições de realização em todas as ocorrências desta palavra no discurso do conferencista.

Alerta o texto do *Curso* para o fato de que ainda que sejam apenas as condições de realização o necessário e suficiente para a identidade de unidades lingüísticas, esse fato não as torna abstratas. Pelo contrário, o texto do *Curso* é

muito enfático no Capítulo II da Segunda Parte, quando apresenta a seguinte afirmativa: “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais,(...) podem ser chamados entidades concretas desta ciência” (CLG:119).

Ao estimular a projeção metafórica de nossa experiência tangível e concreta com trens para o campo da linguagem, Saussure deseja emprestar concretude à *langue* – e a necessidade de recorrência à metáfora associa-se possivelmente ao fato de que em nossa experiência com a linguagem parece *faltar* esse grau tão acentuado de concretude.

Devidamente coisificada, a *forma* é, portanto, a palavra chave para se entender a contribuição da metáfora do trem para a delimitação do objeto da Lingüística Sincrônica. O tema da forma, como bem relembra Harris, já está presente na filosofia antes de entrar na Lingüística, e Saussure não ignora sua importância. Conforme esclarece (Harris, 1987: 119), “é um lugar comum filosófico que a forma não é inerente à substância, ainda que esteja corporificada na substância”. De maneira semelhante, no *Curso* pode-se ler que não é o som, nem o pensamento em nossa mente, nem ambos juntos, que fazem com que a pronúncia de uma dada palavra seja *a sua pronúncia verdadeira*; isso é garantido antes pelo fato de que nossa pronúncia tem uma *forma* determinada pelo sistema sincrônico de valores que Saussure chama a *langue*.

Saussure quer, segundo Harris, alertar para que não se confunda o estudo da forma com o estudo da substância, principalmente em relação aos estudos fonéticos. O signo, não é constituído por fonemas ou idéias na mente, é constituído apenas “pelas diferenças que o distinguem dos outros signos.”

A **metáfora da rua** destruída e depois reconstruída e a **metáfora do traje**, somadas à metáfora do trem, que acabou de ser vista, elucidam, tanto para Harris (cf.1987:115) como para Gadet (1987:61), dois tipos de identidade. Segundo Harris, as identidades delineadas por Saussure através dessas metáforas são as seguintes: uma identidade formal e funcional de um lado, e uma identidade material de outro. Gadet, por sua vez, as divide sob outra designação: identidade relacional e identidade material.

A identidade relacional de Gadet e a identidade formal e funcional de Harris se aplicam à metáfora do trem, porque, como vimos, são as condições de realização das saídas de um “Genebra-Paris, às 8h45” que provocam sua identidade, e não a sua matéria, a sua substância - os vagões, a locomotiva e o

peçoal - que configurariam uma identidade material. Raciocínio análogo pode ser desenvolvido para a metáfora da rua, ainda que com diferenças que serão explicitadas a seguir. Nos dois casos, as condições de realização correspondem justamente àquilo que é capturável por adjetivos como *formal*, *funcional* e *relacional*.

A análise da metáfora da rua é de certa maneira delicada, porque, ainda que Saussure a tenha trazido para o *Curso* na mesma condição da metáfora do trem, ela possui uma especificidade que a diferencia bastante.

Compara Saussure, à semelhança da metáfora do trem, a identidade de uma unidade lingüística com a identidade de uma rua, que tenha sido demolida e reconstruída com elementos totalmente novos. A rua, para os que a conheciam, não deixa de ser a mesma após sua reconstrução. O *Curso* quer mostrar com essa metáfora que, assim como no caso do trem, são as condições nas quais a rua está fundada que estabelecem sua identidade, condições estas que incluem por exemplo a sua localização em relação às demais.

Mas a metáfora da rua, como dissemos acima, se diferencia bastante da metáfora do trem, no seguinte aspecto: ao evocar tempos distintos para estabelecer sua identidade, ou seja, evocar uma passagem de uma época em que tenha sido destruída, para outra em que foi reconstruída, Saussure correu o risco de confundir o leitor, levando-o a pensar que a identidade de uma unidade lingüística ultrapassa o seu próprio sistema sincrónico, já que seu exemplo pressupõe duas épocas diferentes. Transpor para a linguagem a metáfora da rua poderia equivaler, sob esse aspecto, a pensar que as duas épocas correspondem a dois estados de língua distintos. Em um dado estado de língua, a identidade da rua destruída, estaria em relação de oposição às demais ruas de uma cidade 'x', enquanto que noutro estado de língua, seria a rua reconstruída que estaria em oposição às demais ruas desta cidade 'x'.

É ainda mais simples de compreender o ponto em questão aqui se tomarmos um exemplo "lingüístico": pensemos na expressão lingüística do português "embora". De acordo com a teoria saussuriana, este termo teria sua identidade estabelecida a partir de uma relação opositiva com as outras unidades da língua portuguesa no estado de língua do final do século XX/início do século XXI. Seu valor é puramente sincrónico. Pensemos agora no exemplo lingüístico "em boa hora" pertencente ao sistema sincrónico da língua portuguesa situado no

século XV. Para a teoria saussuriana, não há correspondência de identidades de um sistema de valores a outro, ou seja não se pode reconhecer como sendo expressões de igual valor ou mesma identidade porque neste caso se trata de estados de língua diferentes. Contudo, é exatamente o que nos faz supor a metáfora da rua: leva-nos a crer que sua identidade num determinado “estado de cidade” é a mesma num outro “estado de cidade”, que a identidade persiste independente do sistema sincrônico do qual faz parte.

Se, no entanto, a identidade persiste independente do sistema de que faz parte, Saussure está portanto concordando com uma visão representacionista da linguagem, que vê o significado de um termo como algo que lhe é atribuído de fora da linguagem. A tensão que tentamos analisar neste trabalho fica, pois, bem exemplificada no uso da metáfora da rua.

O tema da identidade sincrônica, diz De Mauro (1972:460), vem de uma discussão anterior, freqüente para os comparativistas, sobre o que permite identificar o termo latino *calidus* com o termo francês *chaude*. De Mauro continua dizendo, que para os propósitos do *Curso*, houve uma redução do problema, que abrangia tanto a diacronia como a sincronia, passando a referir-se apenas à sincronia.

Essa talvez seja uma razão para levar a Harris a pensar que tenha sido a metáfora da rua uma escolha infeliz. Harris observa que há um risco em se falar de uma rua que tenha sido demolida e depois reconstruída, porque isso supõe uma continuidade diacrônica que não guarda relação com a identidade de uma unidade de um sistema sincrônico. A idéia de *reconstrução*, por sua vez, também lembra indesejavelmente a definição de língua adotada pelos comparativistas: a metáfora da língua como ruínas de uma cidade original, que favorece a compreensão de que persistem nesta língua “arruinada” elementos que a identificam a uma língua “prototípica”.

Servindo com maior ou menor sucesso a seus propósitos, o fato a é que as metáforas do trem e da rua vocacionam-se, como já se disse, a reforçar o caráter funcional ou relacional da identidade lingüística.

Para explicar um outro tipo de identidade que deve ser descartada na compreensão do funcionamento da língua, Saussure recorre à **metáfora do traje**. Nesta, compara-se a identidade lingüística a um traje pertencente a alguém. A descrição da estória é a seguinte: um certo homem possui um traje e este lhe é

roubado. Num certo dia, passando pela mesma alfaiataria onde comprara o traje se depara com um igual ao seu. Entretanto, o homem pensa: este não é o meu traje. O problema colocado por essa metáfora é o seguinte: o que produz então, para o homem roubado, a identidade de seu traje?

As razões que levam Saussure a dizer que a identidade lingüística não é a do traje, e sim a do trem e a da rua, já deve estar, a esta altura, óbvia. Havia diante do homem um traje idêntico ao seu traje roubado: provavelmente tecido, linhas, botões, corte, tamanho, eram exatamente do mesmo tipo que fora usado para confeccionar o traje roubado. No entanto, essa descrição material, ou em termos saussurianos, substancial não produz por si só uma identidade. A identidade é, neste caso, a substância ela mesma, e não o *tipo* da substância. É aquele fio de linha, é aquele traje com aquele pedaço de pano e com aqueles botões o traje do homem roubado. A cada traje novo confeccionado, o material de que ele é feito é digamos assim renovado, é outro, apesar de ser do mesmo tipo. Dessa forma, se é outro, o homem roubado não identifica aquele com o dele.

Nesse momento no *Curso*, novamente o exemplo da palavra *Senhores!* é evocado. Aplicando a metáfora do traje a essa situação, seríamos levados a pensar na identidade material da expressão: seria como se cada um dos pronunciamentos da palavra *Senhores!*, na conferência, possuísse um dono, e a identidade de cada um dos pronunciamentos fosse sua realização fônica, que como se sabe nunca é a mesma. A evocação da metáfora em conexão com esta situação é utilizada por Saussure, no caso, para que iluminar como é pequeno o alcance da explicação material para a identidade lingüística.

O ponto que, com o auxílio das metáforas da rua, do traje e do trem, fica enfatizado com relação à questão da identidade lingüística é que a identidade de uma unidade ou de um signo lingüístico não repousa na matéria fônica nem no sentido, mas nas condições de realização dos signos, em sua natureza relacional. Este é, como veremos, um ponto importante para nossa análise da tensão entre adesão e reação ao representacionismo no *Curso*.

3.4.3 O valor do signo lingüístico

Pode-se dizer que, de uma certa forma, o movimento global do *Curso* – e também o movimento de muitas de suas metáforas – direciona-se para o esclarecimento da importância da noção de *valor* para a compreensão do fenômeno lingüístico. Não é sem razão, portanto, que a discussão sobre diversos tópicos do *Curso* empreendida aqui tenha sempre insinuado relações diretas ou indiretas com este tópico.

Com efeito, o valor do signo lingüístico é, para Saussure, o aspecto primordial do estudo da língua e pode recobrir satisfatoriamente para os propósitos da lingüística sincrônica, as noções de identidade, de realidade, de conceito e de significação.

O capítulo IV, “O Valor Lingüístico”, pertencente a Segunda Parte do *Curso* dedicada à Lingüística Sincrônica, é, para muitos comentadores de Saussure, Harris inclusive, o capítulo de maior importância para se compreender não só a noção de valor do signo lingüístico em si, como também o seu papel no sistema lingüístico como um todo, arrematando assim a teoria saussuriana.

Neste capítulo, conforme observa Harris, Saussure tenta esclarecer o que é o valor lingüístico, “num caminho mais figurativo do que prático” (Harris, 1987: 118). É verdade que há uma grande quantidade de metáforas presente neste capítulo, algumas das quais já analisamos em seções (3.2 e 3.4.1). As metáforas que vamos analisar aqui relacionam-se especialmente à questão do valor: uma que está no capítulo precedente ao do “Valor Lingüístico” e outra, a do sistema financeiro, que encontramos justamente neste capítulo, são elas a metáfora do jogo de xadrez, já amplamente discutida na seção anterior, e a metáfora do sistema de valores.

Começemos por retomar **metáfora do jogo de xadrez**, em uma passagem ainda não analisada nesta dissertação:

Nova comparação com o jogo de xadrez: tomemos um cavalo; será por si só um elemento do jogo? Certamente que não, pois, na sua materialidade pura, fora de sua casa e das outras condições do jogo, não representa nada para o jogador e se torna elemento real e concreto senão quando revestido de seu valor e fazendo corpo com ele. Suponhamos que no decorrer de uma partida, essa peça venha a ser destruída ou extraviada: pode-se

substituí-la por outra equivalente? Decerto: não somente um cavalo, mas uma figura desprovida de qualquer aparência com ele será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor. (CLG:128)

A metáfora do jogo de xadrez nos permite capturar de forma especialmente nítida o que será entendido como o valor do signo. Saussure compara a unidade lingüística – o signo – com a peça do jogo de xadrez. Ele quer mostrar que a matéria de que são feitas as peças, assim como a matéria de que são feitos os signos – os sons e os conceitos – não tem importância, porque o importante é o valor que tais peças e tais signos possuem dentro do sistema do qual fazem parte. Tanto é verdade, que elas podem ser substituídas por outros objetos, desde que se lhes confira o mesmo valor.

A **metáfora do sistema de valores** – que na visão de Harris (1987:120) nos leva por um caminho mais conhecido para pensarmos a noção de valor, complementa a metáfora do xadrez, indicando como essa troca pode se dar. Ela pode ser depreendida nas seguintes passagens:

Os valores parecem estar regidos por esse princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos: 1º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por uma outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa. [...] Para determinar o que vale a moeda de cinco francos, cumpre saber: 1º que se pode trocá-la por uma quantidade determinada de uma coisa diferente, por exemplo, pão; 2º que se pode compará-la com um valor semelhante do mesmo sistema, por exemplo uma moeda de um franco, ou uma moeda de algum outro sistema (um dólar etc.). Do mesmo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma idéia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. (CLG:134)

[...] não é o metal da moeda que lhe fixa o *valor*; um escudo, que vale nominalmente cinco francos, contém apenas a metade dessa importância em prata; valerá mais ou menos com esta ou aquela efígie, mais ou menos aquém ou além de uma fronteira política (CLG:137; grifo nosso).

A metáfora compara o valor de um signo lingüístico com o valor de uma moeda. Saussure diz que, para determinar o que vale uma moeda de cinco francos é necessário que ela possa ser trocada por alguma coisa diferente, como pão, e que, além disso, possa ser comparada com um outro valor do mesmo sistema ou de outro sistema, como o dólar. No caso lingüístico, o que se daria é que o valor de um signo pode ser trocado por alguma coisa diferente, que Saussure denomina

a idéia, e que pode ser comparada com um outro valor lingüístico do mesmo sistema ou de um sistema diferente, como por exemplo comparar um signo do português com um signo do inglês.

O valor do signo, nos quer fazer ver Saussure, não está fixado apenas pela sua significação, pela idéia que ele carrega em si mesmo. O valor de um signo é principalmente a sua relação de oposição dentro do sistema do qual faz parte.

Em relação às conclusões às quais nos leva Saussure, temos dois questionamentos referentes à metáfora do sistema de valores. Bem, se Saussure nega a correspondência entre o nome e a coisa ou entre o nome e a idéia que representa, como ele pode defender a noção de que o valor de um sistema lingüístico pode ser fixado em termos da troca desse valor por uma coisa dessemelhante, uma idéia? E perguntamos ainda, onde está esta idéia? Ela está na mente? Ela pertence a esfera dos estudos lingüísticos? O segundo questionamento que nos fazemos é em relação a troca de valores entre sistemas lingüísticos distintos. Isso parece um pouco incoerente em relação ao que disse Saussure acerca da dificuldade da tradução. Segundo ele, “se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim” (CLG:135). Se os valores de um sistema não possuem equivalentes exatos em outros sistemas como se pode compará-los? Essa metáfora, portanto, parece aderir a uma visão representacionista da linguagem, porque não parece considerar em nenhum momento a crítica feita aos nomenclaturistas, no capítulo que trata da natureza dos signos.

Para Harris, a comparação com a moeda “simplesmente não funciona”: primeiro porque a moeda de cinco francos pode ser trocada por uma pão, mas dificilmente um francês trocaria a palavra *chaise* pela idéia de cadeira; em segundo lugar, não faz sentido trocar uma moeda de cinco francos por cinco moedas de um franco, assim como não faz sentido trocar a palavra *chaise* por outra *chaise* (cf.Harris, 1987:121).

Harris enfatiza, que a metáfora também não funciona porque as transações lingüísticas não são transações comerciais. O falante não recebe nada em troca quando fala, ao contrário, dá ao seu interlocutor certa informação: “se o comércio operasse sobre este princípio, uma revolução no mundo do comércio estaria sendo produzida”. (cf.op.cit.:121)

É interessante registrarmos aqui a fonte de inspiração de Saussure ao empregar a metáfora do sistema de valores. Aarsleff (*apud op.cit.*: 121) sustenta que a aplicação da metáfora do sistema de valores à linguagem tem uma longa história na tradição ocidental, que remonta aos tempos de Quintiliano. Mais próximo de Saussure, no entanto, estão os trabalhos de seu antecessor, Michel Bréal: “Bréal afirma que lidamos com palavras, como banqueiros lidam com ações, ‘como se elas [as palavras] fossem a própria moeda, porque eles [os banqueiros] sabem que em um dado momento podem trocá-las por moedas”” (*apud op.cit.*:121).

A diferença no uso da metáfora do sistema de valores por Bréal e por Saussure está naquilo que pode ser lido no segundo trecho da metáfora do sistema de valores, acerca da matéria mesma da moeda, como o ouro ou o papel, etc. Em convergência clara com o movimento da metáfora do xadrez, Saussure exclui a noção de que a substância da qual a moeda é feita seja ela mesma seu valor.

Para Saussure, enfim, não se deve confundir *substância* fonética ou semântica com valor lingüístico – o que importa no sistema é apenas a *forma*, que se caracteriza na noção de *valor*. Em outras palavras, a moeda, seja de ouro ou de papel, não possui valor intrínseco. O valor de um signo não é o valor do signo em si, mas o valor do lugar que este signo ocupa no sistema lingüístico.

* * *

A análise das metáforas referentes ao signo lingüístico indica mais uma vez a presença de uma tensão na teoria saussuriana entre duas visões distintas de linguagem e significado.

Primeiramente pudemos observar, em relação à *constituição do signo*, que Saussure defende uma unidade *bipartida*, feita do amálgama de um significante e de um significado. As “dualidades” nas metáforas de Saussure para o signo – corpo/alma, hidrogênio/oxigênio, verso/anverso – reforçam todas, de uma forma ou de outra, essa compreensão bipartida do signo, que, como vimos, aponta na direção de uma perspectiva representacionista.

Observamos, no entanto, como a utilização da metáfora do casamento, na explanação do princípio da arbitrariedade do signo, nos leva por outros caminhos; na direção de uma visão reativa ao representacionismo, sobretudo pela ênfase que

põe na ausência de fundamentos racionais exteriores para os signos e para os sistemas de valores que eles compõem.

Sobre a estrutura primeira do signo, elencamos ainda três de suas características fundamentais – a indissociabilidade, a interdependência e o caráter holístico –, mostrando como as metáforas “duais” mencionadas acima, sobretudo a da folha de papel, remetem, apesar de seu compromisso de base com a idéia de representação, a uma perspectiva reativa ao representacionismo.

Nas metáforas da folha de papel, da composição química e do ser humano, fica claro esse jogo entre adesão e reação à visão hegemônica nos estudos lingüísticos. Observamos a presença de uma perspectiva representacionista, quando Saussure insiste em colocar o acontecimento da linguagem em termos de uma coisa dupla, ou seja, o acoplamento de uma porção sonora com um significado. Esse duplo, remanescente dos nomenclaturistas, indicam, como vimos, a permanência da idéia de representação nestas metáforas. Além disso, igualmente afinada com o representacionismo é a noção de que essas idéias, ainda que confusas, possuem lugar no cérebro – são *entidades* mentais para as quais há um correspondente fônico.

Em segundo lugar, discutimos acerca da *identidade do signo* lingüístico, um tema complexo e fundamental que toca na questão da delimitação das unidades lingüísticas. Saussure procurou demonstrar com a metáfora do traje que a identidade lingüística não é a identidade da *substância*, e sim da *forma*. A identidade do signo, como pudemos observar, na teoria de Saussure, se resume a recorrência das condições de realização do signo. Para ele, elas tem de ser as mesmas, para que o signo seja considerado o mesmo, assim como o expresso “Genebra-Paris, 8h 45 da noite” é o mesmo todos os dias. Tal compreensão reforça a idéia de que Saussure reage contra uma perspectiva representacionista.

Por último, observamos a noção de valor lingüístico através das metáforas do xadrez e do sistema financeiro. Vimos que o valor do signo, na concepção saussuriana, é a sua relação de oposição com os demais valores dentro do sistema do qual faz parte.

Deparamo-nos, entretanto, diante da metáfora do sistema de valores com uma concepção de valor que, por assim dizer, freia o radicalismo da teoria saussuriana. Na comparação entre o signo e a moeda, Saussure sugere que o valor de um signo pode ser trocado com coisas fora da linguagem, o que pode

surpreender o leitor, que já está acostumado a considerar apenas aquilo que é interno para a definição do signo. Parece muito bem fechada a tese de que um signo no sistema é definido em relação de oposição aos demais signos do sistema, exatamente por aquilo que ele não é. Como, então, Saussure pode empregar uma metáfora que compara a linguagem com transações financeiras, sugerindo que o valor de um signo de um dado sistema pode ser trocado por uma coisa dessemelhante, uma idéia? A metáfora do sistema de valores parece aproximá-lo dos representacionistas: seja pela sugestão de que o signo pode ser trocado por algo que lhe é exterior, seja pela indicação de que pode ser trocado por outro valor de outro sistema. Como isso seria possível, se antes Saussure insiste que não há equivalências de valores entre sistemas?

A conclusão a que nos levou a análise das metáforas desta seção, de certa forma, nos deixou, em certa medida, perplexos. As metáforas analisadas, principalmente a metáfora do sistema de valores, que para nosso entendimento, poderia resumir a força do pensamento saussuriano, nos revelou a tensão na qual repousa sua teoria: a um só tempo radical e conservadora.